A SCENA MUDA

Nº525

1.200 Rs

Gilbert Roland

Revista da Semana

A MAIS IMPORTANTE E LUXUOSA REVISTA

: : SEMANAL DA AMERICA DO SUL : :

ASSIGNATURAS :

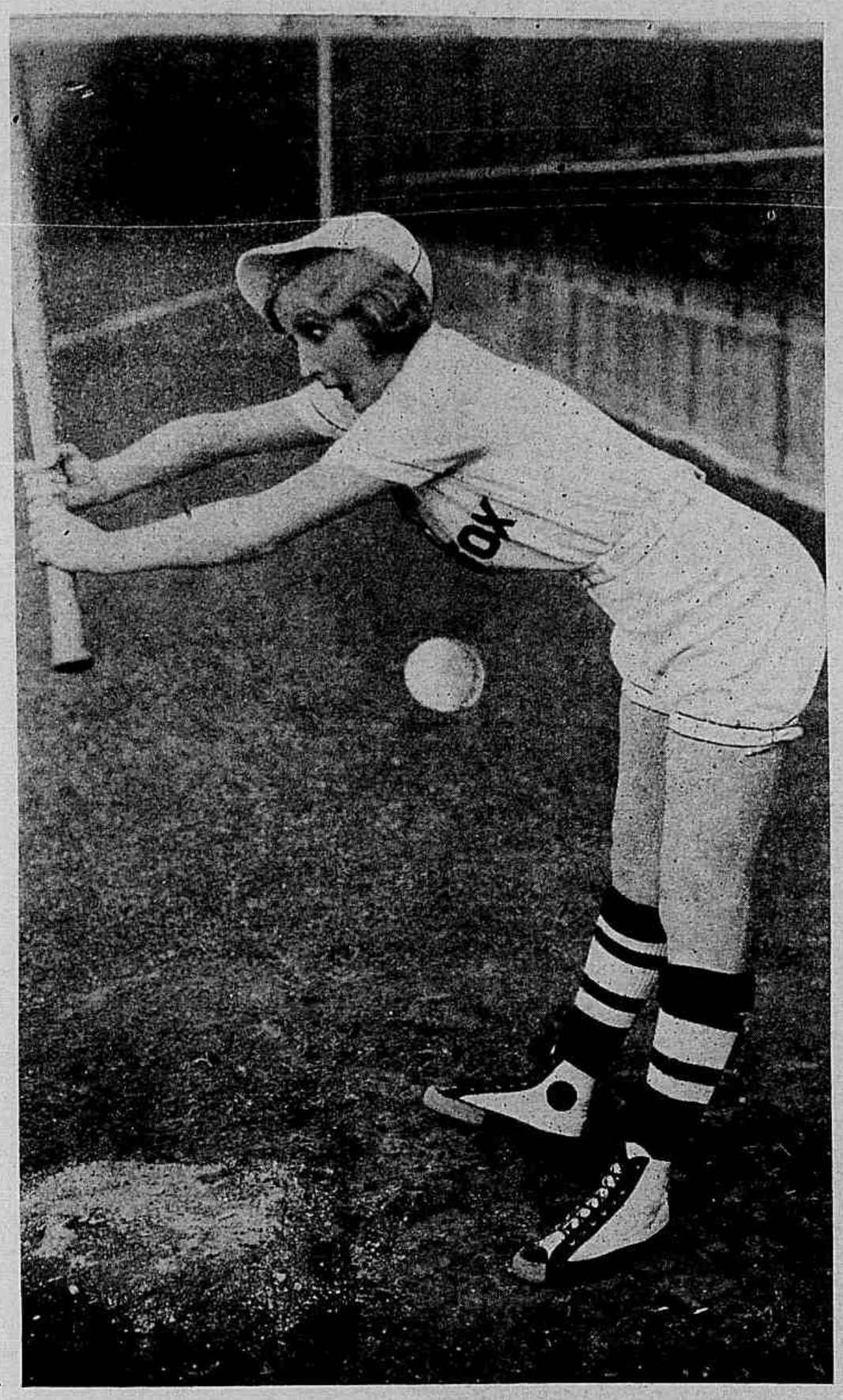
52 NUMEROS (BRASIL)				ESTRANGEIRO			
UM ANNO...	50$000	6 MEZES...	26$000	UM ANNO...	65$000	6 MEZES...	35$000
REGISTRADA				REGISTRADA			
UM ANNO...	71$000	6 MEZES...	36$000	UM ANNO...	97$000	6 MEZES...	49$000

NUMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL 1$200; ATRAZADO, 1$500

A REVISTA DA SEMANA, que é a publicação illustrada hebdomadaria de maior tiragem do Brasil, offerece aos seus annunciantes uma ampla e attrahente secção de annuncios, : : : entremeada de gravuras e de texto : : :

RUA MARANGUAPE, 15

RIO DE JANEIRO



Bessie Love, é má jogadora de "base-ball".

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N. 525 — 5.º DO 11.º ANNO

15 de Abril de 1931

Novidades na tela — (Harriette Lake, da *Metro*) . . 5
Mary Carlyle, da *Metro* 7
Maria Rener, da *Warner-First* 8
Oriente e Occidente — (Lupe Velez) 9
Sunny — (Marilyn Miller, Lawrence Gray, Joe Donahue, Barbara Bedford e Ignez Courtney) 11
Os que vivem no écran — (Bernice Claire, da *Warner-First*) 14
A moda, na opinião das estrellas de maior brilho . . 16
Para conservar a saude 20
A moda em Hollywood 21
O Deus do mar — (Ramon Pereda e Rosita Moreno) 23
A canção do berço — (Corina Freire, Alves da Costa e Raul de Carvalho) 26
Anna Christie — (Greta Garbo, Charles Bickford, George F. Marion, Marie Dressler e James T. Mack) 28
Greta Garbo, da *Metro* 15
José Crespo, da *Metro* 18
Marian Marsh, da *Warner-First* 19
Mary Kornman 22

PRODUCTOS LINDACÔR

RUA GENERAL CAMARA 190, Loja

Lindacôr tinge com perfeição Seda, Lã e Algodão em 24 côres da Moda.

PREÇO DE CADA ENVELOPPE RS. 1$400

A' VENDA EM TODA A PARTE

ORIENTAL

NÃO HA MELHOR PASTA PARA DENTES!

-NÃO CONTEM GLUCOSE-

BASTA UM CENTIMETRO SOBRE A ESCOVA.

NAS

PERFUMARIAS LOPES

RIO-S.PAULO

CASA BAZIN-PERFUMARIA CAZAUX E OUTRAS

A *Universal* apresentará no CAPITOLIO

Sem Novidade no "Front"

extrahido da novella de Remarque (Nada de novo na Frente Occidental)

O mais forte documento da devastadora guerra de 1914

Dedicado á mocidade de todos os paizes

A partir do dia 20, segunda-feira

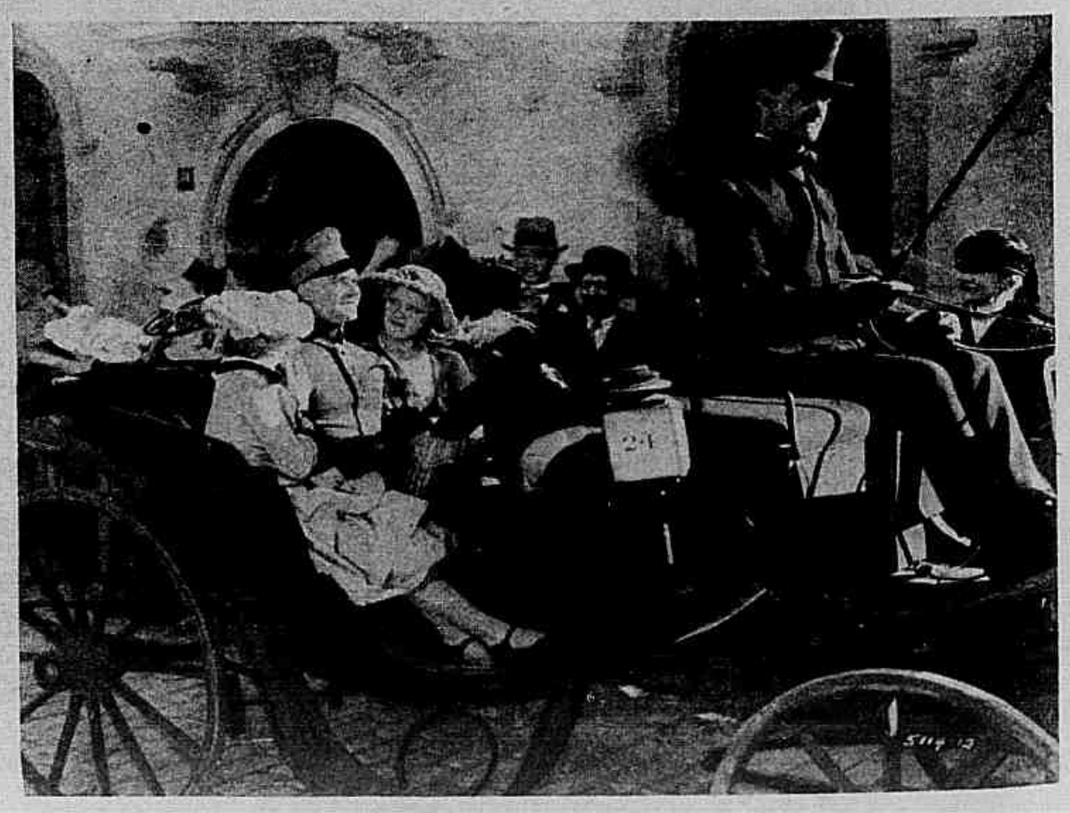
Super-producção da *Universal*

Direcção de

LEWIS MILESTONE

Numa escola de uma aldeiazinha allemã, Paul Baumer, Alberto Kemmerich, Muller, Behm, Pedro e outros rapazes estão inflammados pela palavra ardente, cheia de patriotismo, do professor Kantorek. Fóra, os soldados respondem á mobilização geral. O paiz está incendiado de patriotismo. A chamada ás armas põe aldeias, villas e cidades em verdadeiro delirio. Já começou o avanço pela França. "E' sublime morrer-se pela patria", conclue Kantorek, no seu discurso feito aos rapazes que, de pé, cantam, gritam e jogam os livros em todas as direcções. A mocidade de ferro da Allemanha, como o professor a chamou, corre a alistar-se. Elles passam por Himmelstoss, o carteiro que está fazendo a ultima distribuição, para, em seguida, juntar-se ás tropas. Os rapazes acham que a vida é penosa na caserna onde se aperfeiçôam. Himmelstoss não é mais o prazenteiro carteiro da aldeia: é o sargento rispido que os instrue sob a disciplina militar. Elle delicia-se em fazel-os soffrer, sem queixume. Este primeiro tratamento nas mãos de Himmelstoss é para elles a primeira desillusão. Depois de uma curta passagem pela caserna, elles partiram para o "front",

a tomar o logar entre as tropas que lá se batem. O primeiro baptismo de fogo é numa cidadezinha que ficou á retaguarda das linhas. Elles vêem a artilharia tomar posições, os pesados vagões da Cruz Vermelha locomoverem-se em direcção ao "front". Estão attonitos. Um obuz arrebenta na aldeia. Estão aterrorizados. A longa marcha, naquelle dia, termina numa pequena aldeia que foi muito sacrificada pelos obuzes. Os rapazes seguem para a segunda companhia, onde foram completar o effectivo. Os velhos soldados riem-se delles, mas são tolerantes com os rapazinhos, que commettem o primeiro erro pedindo alguma cousa que se coma num logar onde tudo é escasso. No acantonamento encontram Katezinsky, o sargento da companhia. Naquella noite receberam o primeiro baptismo de fogo. Antes de terminarem o serviço de defesa de arame farpado, são surprehendidos com o fogo de barragem, que os obriga a retroceder. Reunem-se á sua companhia, preparando-se para novo ataque. O terrivel fogo de barragem, durando alguns dias, é de enlouquecer os jovens recrutas. Os francezes atacam. Os allemães respondem e ganham terreno. A batalha termina. Os rapazes seguem para uma aldeia franceza. Uma cantina bem provida serve de diversão para elles; tomam banho no canal, emquanto, na margem opposta, tres francezes os descobrem. Naquella noite atravessam o canal a nado para fazer uma visita ás pequenas. O numero de rapazes foi dizimado pela guerra. Kemmerich morreu. Muller usou as botinas durante algum tempo. Com outro ataque, a segunda companhia ficou mais reduzida. Paul é ferido do lado esquerdo e Alberto numa perna. Os dois conseguem chegar ao hospital. Quando Paulo ficou bom, obteve licença para ir a casa. A vida civil apresenta-se-lhe insipida sem graça, trivial. Paulo ouve conversas e nada mais. O pessoal de sua aldeia não o comprehende. Elles não comprehendem a guerra. Sua mãe está doente e ha pouco alimento. Os homens mais velhos dão-lhe conselhos como ganhar a guerra. De novo elle parte para o "front". A segunda companhia está grandemente desfalcada. Elle encontra Tjaden e parte com Katezinsky, procurando alimentos. Quando seguem juntos pela estrada, um aeroplano bombardeia-os. Deitam-se, mas um fragmento attinge Katezinsky numa perna. Paulo carrega-o; mas, antes de o deixar num posto de ambulancia, outro fragmento mata Katezinsky. E' um dia sem novidade no "front" quando um francez assesta sua arma com telescopio para a pequena figura allemã, matando, com um tiro certeiro, Paulo Baumer, o ultimo dos companheiros.



A SCENA MUDA

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Sevilha de 1930

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE N.º 15

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

CORRESPONDENCIA DIRIGIDA A AURELIANO MACHADO DIRECTOR - GERENTE

Telephone 2 - 2550

RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL 1931 || N. 525 — 5.º DO 11.º ANNO

A SCENA MUDA

PORTE SIMPLES	BRASIL
Um anno	50$000
½ "	26$000
REGISTRADO	
Um anno	71$000
½ "	36$000
Num avulso.	1$200
" atrazado	1$500

ESTRANGEIRO

PORTE SIMPLES	
Um anno	65$000
½ "	35$000
REGISTRADO	
Um anno	97$000
½ "	49$000

NOVIDADES NA TELA

Garbo e Chaney

De todas as personalidades do mundo cinematographico, cujos nomes pudessem unir-se em uma comparação analytica, parece que Greta Garbo e Lon Chaney deviam ser os ultimos. Porem, por mais extranho que pareça, havia entre ambos muitos pontos de contacto.

Cal York, de *Photoplay*, reuniu em uma chronica os pontos de contacto mais notaveis entre as duas celebridades. Garbo e Chaney — este, quando em vida — occuparam sempre posição inestimavel no écran, de bem accentuada personalidade.

Garbo não responde a seus infinitos admiradores. Chaney nem sequer lia as cartas que recebia.

Garbo não vai a reuniões nem faz vida de sociedade, nunca assistindo á estréa de seus films, o que fazia Chaney.

Garbo faz vida retirada. Sua familia é da Suecia e de classe humilde... Isso é tudo o que se conhece d'ella. De Chaney sabia-se, apenas, que seus paes eram surdo-mudos.

Quando Garbo deixa o trabalho, ninguem sabe onde poderá ser encontrada dez minutos depois; Chaney desapparecia do studio e não se o avistava senão no dia seguinte, á hora do trabalho.

Fóra do écran, Greta Garbo é pessôa bem differente... Chaney, por sua vez, era completamente irreconhecivel... passeiava pelos recantos mais concorridos de Hollywood sem ser reconhecido. O mesmo se dá ainda, felizmente, com Greta Garbo. Chaney vestia-se com tanta modestia que podia passar por um simples empregado do commercio. Miss Garbo tambem, fóra do écran, veste-se com simplicidade. Tem horror á ostentação e é da maior franqueza no fallar. Chaney tambem era famoso por seu olhar franco e opiniões independentes.

Miss Garbo diz — e Chaney tambem dizia — mais vezes "não" do que "sim"...

Miss Garbo muito se interessa por seu trabalho e é a primeira a chegar ao studio e, tambem, uma das primeiras a sahir, o que acontecia com Lon Chaney. Suas amizades, em sua maioria, não pertenciam ao mundo cinematographico.

O mar sempre foi o maior attractivo de ambos; dos animaes, sempre tiveram preferencia pelos cães e dos pratos, os mais apreciados foram sempre os legumes.

Seus nomes sempre encheram columnas e columnas de jornaes e revistas, sem que jámais se preoccupassem em arranjar um agente de publicidade.

Seus automoveis sempre foram de uma mesma marca e fallavam o mesmo idioma, tendo desprezo pelas joias vistosas. Chaney nunca foi bonito e o perfil de Greta Garbo está longe da perfeição classica; porem sua forte personalidade fez com que seus defeitos physicos fossem esquecidos...

Não ha quem conheça o numero do telephone de miss Garbo, como tambem nunca houve quem soubesse o de Lon Chaney.

Assim como acontecia com Chaney, Miss Garbo sempre absorve o interesse dos films que interpreta. Nem o thema nem a direcção têm importancia; é um film Greta Garbo, como sempre fôra um film Lon Chaney, para os profissionaes e para seus fanaticos admiradores de todos os recantos do mundo.

Facto interessante; embora tivessem cinco annos de contacto nos studios da *Metro* sempre foram amigos cerimoniosos. Cada um via o film do outro, porem nunca discutiam seu trabalho.

"Miss Garbo é a Sarah Bernhardt do écran — disse Lon

Ao lado: Harriette Lake, da "Metro".

Este numero consta de 36 paginas.

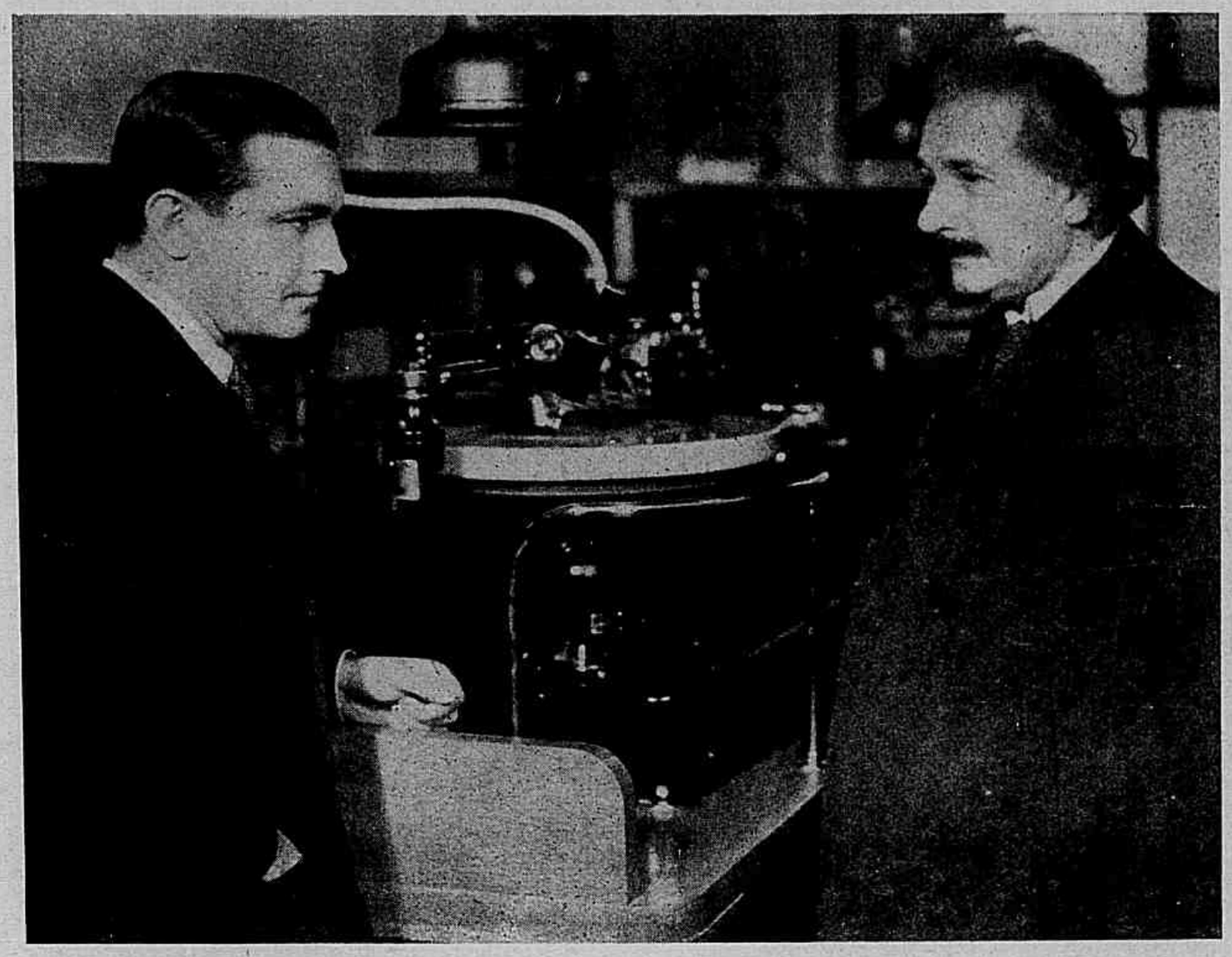
Chaney — E' a maior personalidade feminina que já vi no theatro e no cinema."

Quanto a Lon Chaney, Greta Garbo sempre affirmou:

"Seu trabalho me espanta e me interessa. E' um artista, um creador de illusões, que estimula a imaginação. E um magnifico actor de caracter."

O director de uma empreza de Hollywood approvou as duas opiniões, accrescentando:

"Garbo e Chaney são, de facto, muito parecidos. Ambos sempre souberam o de que precisavam e conheceram sempre os meios de obtel-o..."



O grande sabio allemão Einstein em Hollywood visita os studios da "Warner-Bros" em companhia de Richard Barthelmess.

Anita Page suspira por um drama

Quem não conhece a bella Anita Page?

A Anita que fez a sua estréa no cinema num papel de melindrosa? Que electrizou o publico como uma garôta astuta em *Our Dancing Daughters?*... Que creou uma sensação no numero "as duas irmãs", em *The Broadway Melody?*...

Pois Anita, agora, quer fazer papeis emocionantes, quer ser "parte" em drama intenso.

Taes como os artistas comicos que aspiram por representar *Hamlet*, — as melindrosas da tela desejam interpretar papeis emocionantes... e Anita Page está a ensaiar-se no genero dramatico.

"Os papeis de moças frivolas estão muito bem, disse Anita: mas temo que o publico comece a dizer que sou bella mas bronca, a não ser que me vejam representar papeis de mais folego. E a verdade é que não me considero assim tão tola... Se o fosse, não teria ambições tão elevadas."

"De certo que Anita não é tola, affirma William Haines—ella é tão intelligente quanto formosa.

Haines foi o protagonista de *Telling the World*, o primeiro film em que Anita trabalhou. George Hill, que a dirigiu em *The Flyng Fleet*, declara que ella é uma das artistas jovens de mais talento que elle já dirigiu. Em *The Broadway Melody*, ella e Bessie Love aprenderam a cantar em duetto, como as irmãs Duncan e cantaram tão bem, que todos julgaram que ambas já haviam cantado, antes, como profissionaes."

"Não é que eu seja louca pelo jazz nem cousas similhantes — disse Anita. Não sou tambem o que se pudesse chamar uma creatura carrancuda; mas quando vejo outras artistas representar papeis dramaticos, não posso deixar de invejal-as e, se alguma vez chegar a interpretar algo similhante, ficarei tão enthusiasmada que talvez ponha tudo a perder. Isto é o que sempre me diz meu pai."

Anita sempre julga que seu pai tem razão. O pai de Anita é um engenheiro electricista, homem de grande intelligencia e conhecimentos praticos; e sua filha tem em grande conta a sua opinião sobre qualquer cousa. Quem sabe se ella confia ainda mais em sua propria mãi? São amigas tão inseparaveis... Mas o papai, afinal, sempre é o chefe da familia.

Qualquer um pode dar-lhe numeros e mais numeros e papai os somma mentalmente, num instante. Quem póde dominar assim o calculo mental deve ter um cerebro muito activo e poderoso diz Anita, orgulhosamente. O que nunca posso me lembrar é quanto é seis vezes nove... e tenho sempre de desistir.

Os pais e irmãozinho de Anita moram juntos num pequeno "bungalow" perto dos studios. Ella e sua mãi vieram primeiro para a California quando foi da primeira occasião de Anita apparecer na tela e, mais tarde, o pai vendeu o seu negocio em Nova York, vindo reunir-se á familia, em Hollywood. Agrada-lhe muito o clima e os campos de golf e tem encontrado alem d'isso sufficientes projectos de installações electricas para se manter sempre occupado; de modo que a familia continúa na sua vida normal, como se Anita não houvesse alcançado fama e fortuna.

A entrada de Anita para o cinema não lhe trouxe nenhuma desillusão; pelo contrario, cada dia que passa é uma nova illusão que lhe chega.

"Antes de vir para Hollywood, eu era uma grande admiradora do cinema e, isto, antes de imaginar que eu mesma viria a ser artista algum dia, diz Anita.

Eu apreciava muito John Gilbert e Norma Shearer... e tambem sempre ia ver os films do inolvidavel Lon Chaney e de Wallace Beery, perguntando a mim mesma que qualidade de homem seria esse Beery na vida real. Quando decidi vir para Hollywood, os meus amigos me predisseram que quando eu viesse a conhecer pessoalmente os artistas a quem eu tanto admirava na tela, elles não me pareceriam já tão maravilhosos...

Mas succedeu exactamente o contrario. Agora que conheço John Gilbert, elle me parece ainda mais interessante do que nos films. Muitas vezes me occorre isto: ao encontrar-me com pessôas que eu havia visto representar no cinema, verifico que são mais sympathicas do que eu os havia imaginado.

De mais, em Hollywood, sempre ha alguma cousa de novo no trabalho; representa-se um certo papel e logo nos dão outro e tem-se que aprender a ser uma pessoa differente. Marion Davies faz de quando em quando papeis de rapaz e se veste de homem para represental-os e eu julgo que lhe deve haver custado muito

(Continúa na pagina 32).

Buster Keaton e seus dous filhos Bob e Joe, no *bungalow* de sua propriedade, construido nos terrenos dos studios da "Metro".

Mary Carlyle,
da *Metro*.

Uma recordação de Milton Sills

O pessoal da *Fox* presenteou a Doris Kennyon, viuva de Milton Sills, com uma copia de *O Lobo do Mar*, ultimo film do saudoso actor.

Assim, o pequeno Kennyon Sills poderá conhecer seu pai, graças ao delicado presente dos que foram seus companheiros de trabalho nos studios da *Fox*. Isso sempre é melhor do que as creanças de hontem, que tinham que se conformar com as imagens inertes dos antigos albuns de retratos.

LUTHER-REED, que se casou com Jocelyn Lee em Junho de 1930, pediu divorcio. Diz que a angelica Jocelyn tem um genio insupportavel. Vejam só como o écran engana!

A FILHA de Ernest Torrence annuncia seu proximo casamento com Lilione Green, com quem fugiu da casa paterna ha quatro semanas.

Evelyn Knapp e **Claudia Dell**, da *Warner-First*, na praia, dansando.

VIOLA DANA — ainda se recordam d'essa quasi anã? — tornou a se casar. Seu terceiro marido é um profissional do golf, de Colorado Springs, chamado Jimmy Thompson. Seu antecessor, Maurice Flynn, foi campeão de foot-ball, de Yale, antes de se dedicar á cinematographia.

O DR. LEE DE FORREST, inventor das lampadas que tornaram possivel o cinema sonoro, casou-se com Marie Mosquini, a graciosa actriz. O maduro inventor conheceu a que hoje é sua esposa no casamento de Bebé Daniels com Ben Lyon.

Este é o segundo matrimonio de Marie e o terceiro do doutor Lee.

Laura La Plante foi victima de um roubo em sua recente viagem a Chicago. Mais de 7.000 dollars em joias desappareceram mysteriosamente de seu cofre, do quarto do Continental Palace.

Agora, graças ao interesse de trez detectives espontaneos, Laura recuperou o thesouro, que já julgava irremediavelmente perdido.

Ao lado — **Maria Rener**, da *Warner-First*.

ORIENTE E OCCIDENTE

Film da *Universal* tendo como protagonista *Lupe Velez*.

No Oriente longinquo, em terras da China exotica, fôra ter um dia Billy Benson á cata de aventuras e sensações novas, que o Occidente já não lhe podia proporcionar.

Seu companheiro era Lon Sang Kee, rico mercador de tapetes em New-York, que lhe promettera mostrar a famosa Galera do Amor, na qual, depois de compradas como qualquer mercadoria, eram conduzidas lindas jovens, que impiedosas almas paternas cediam pelo vil metal, a miseraveis traficantes.

Foi por essa occasião, naquelle porto de escala do barco da infamia, que Billy veiu a conhecer a encantadora Ming Toy, trefega creaturinha, que seu pai, Hop Toy, mais amigo de seus leitões que das proprias filhas, cedera em troca de algumas moedas.

Com o correr dos dias, formou-se entre elles um delicioso idyllio.

A instancias de Billy, apiedado pela linda rapariga, que lhe pedia a levasse para os Estados Unidos, o negociante de tapetes comprou Ming Toy e com ella embarcou para New-York, emquanto Billy proseguia em sua viagem pelas famosas terras dos mandarins.

Mezes decorrem. Ming Toy, que, tendo sido educada por missionarios fallava bem o inglez, logo suscitou a Lon Sang Kee varias complicações.

Um severo pastor, de grande influencia, implica com os modos travessos da chinezinha e intima o vendedor de tapetes a repatrial-a. Depois ella attrahe a attenção do poderoso Charlie Yong, proprietario de varios restaurantes, que entra em negociações com Long Sang Kee para indemnisal-o das despezas que fizéra com Ming Toy, pois pretende tornal-a sua esposa.

Estavam as cousas neste pé, quando Billy Benson reappareceu em New York, foi visitar Ming Toy e não tardou a se enamorar por ella.

Sabendo então da transacção feita com Charlie Yong, furta-a, escondida dentro de um tapete e leva-a para sua casa, onde ella é carinhosamente recebida pelos pais do rapaz.

As cousas, com o correr dos dias, vão mais longe e Billy resolve casar com Ming Toy.

Seus pais reunem os amigos afim de lhes apresentar a eleita do coração de seu filho, mas essa reunião decorre em meio de absoluta frieza, causando escandalo o facto de um joven de posição social elevada pretender se ligar a uma mulher de raça amarella.

Nesse interim, Charlie Yong planeja o rapto de Ming Toy e é justamente Hop forçado a fugir da China, o encarregado de levar a termo a proeza.

Mas não chega a realizal-a.

Reconhece aquella que vendera como sua filha e tudo explica.

(Continúa na pag. 32)

Alegre garota, Ming Toy divertia-se em escandalisar o formalista creado.

O negociante que a comprára tinha pressa em leval-a d'alli.

O pastor protestante que a educára tentou em vão defendel-a.

SUNNY

Film da *Warner-First* tendo como protagonistas *Marilyn Miller, Lawrence Gray, Joe Donahue, Barbara Bedford e Ignez Courtney*

Sunny, com o ouro de seus cabellos lindos e o azul purissimo de seus olhos, vivia naquelle meio ao qual a prendiam as exigencias paternas e a incerteza de um outro destino.

Já servira durante trez longos annos a sua patria, nos campos de batalha como enfermeira e, acabada a guerra, voltára para seu ambiente, o ambiente em que nascera seu pai e em que ella se creára: o circo.

Habil bailarina, dextra amazona, ella era a grande attracção d'aquelle agrupamento de artistas sem sorte.

Mas uma noite, em meio ao espectaculo, Sunny viu um grupo de rapazes norte-americanos que haviam passado por suas mãos no hospital de sangue em que trabalhára.

Cheia de contentamento, correu a abraçal-os, um por um, revivendo factos e matando sau-

Mais de uma vez Sunny teve que impedir um incidente entre Tom e seu pai.

Sunny não se embaraçou por tão pouco. Ella sabia que alli, bem perto, havia roupa de homem.

dades. E na alegria que a possuiu, então ella procurou meios e modos de se livrar do seu pai e do caricatural Wendell, um homemzinho extranho, que por ser dono do circo queria se tornar seu... marido.

Aconteceu, porem, que ao mesmo circo fôra ter, movida por natural curiosidade de touriste, Sue Manners, uma solteirona ricaça, que ia partir para a America do Norte naquelle mesmo dia e no mesmo vapor em que iam partir os jovens yankees.

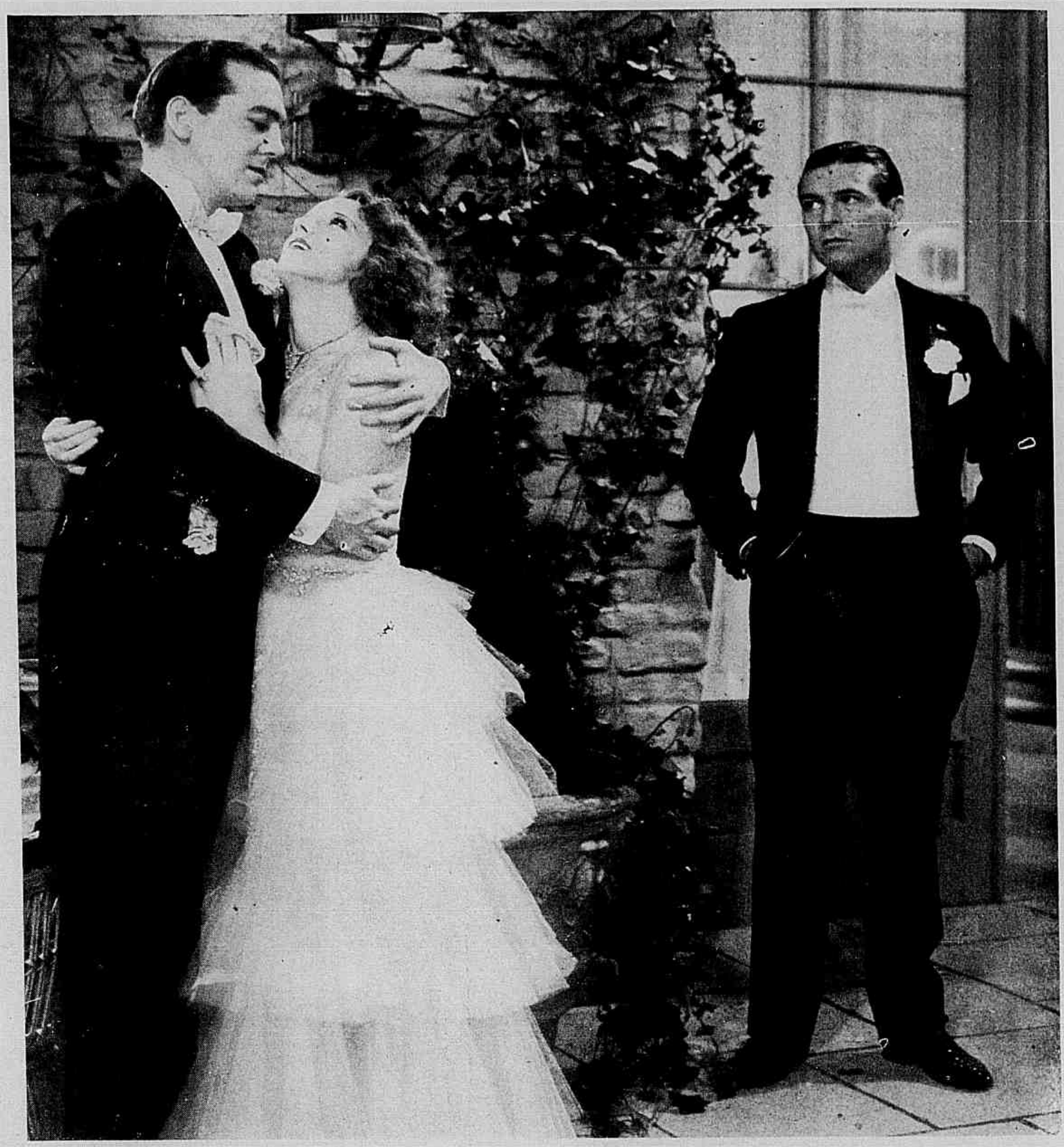
Desde logo a solteirona ficou ardendo de desejos de possuir o lindo cachorrinho de Sunny, por cuja posse commetteria a loucura de dar cem libras.

Emquanto, pois, Sue Manners tratava de convencer o velho pai de Sunny de que devia vender-lhe o animal, a linda bailarina se entregava ás recordações dos velhos tempos conversando com o Tom, um do grupo dos rapazes, que sempre fôra o seu preferido...

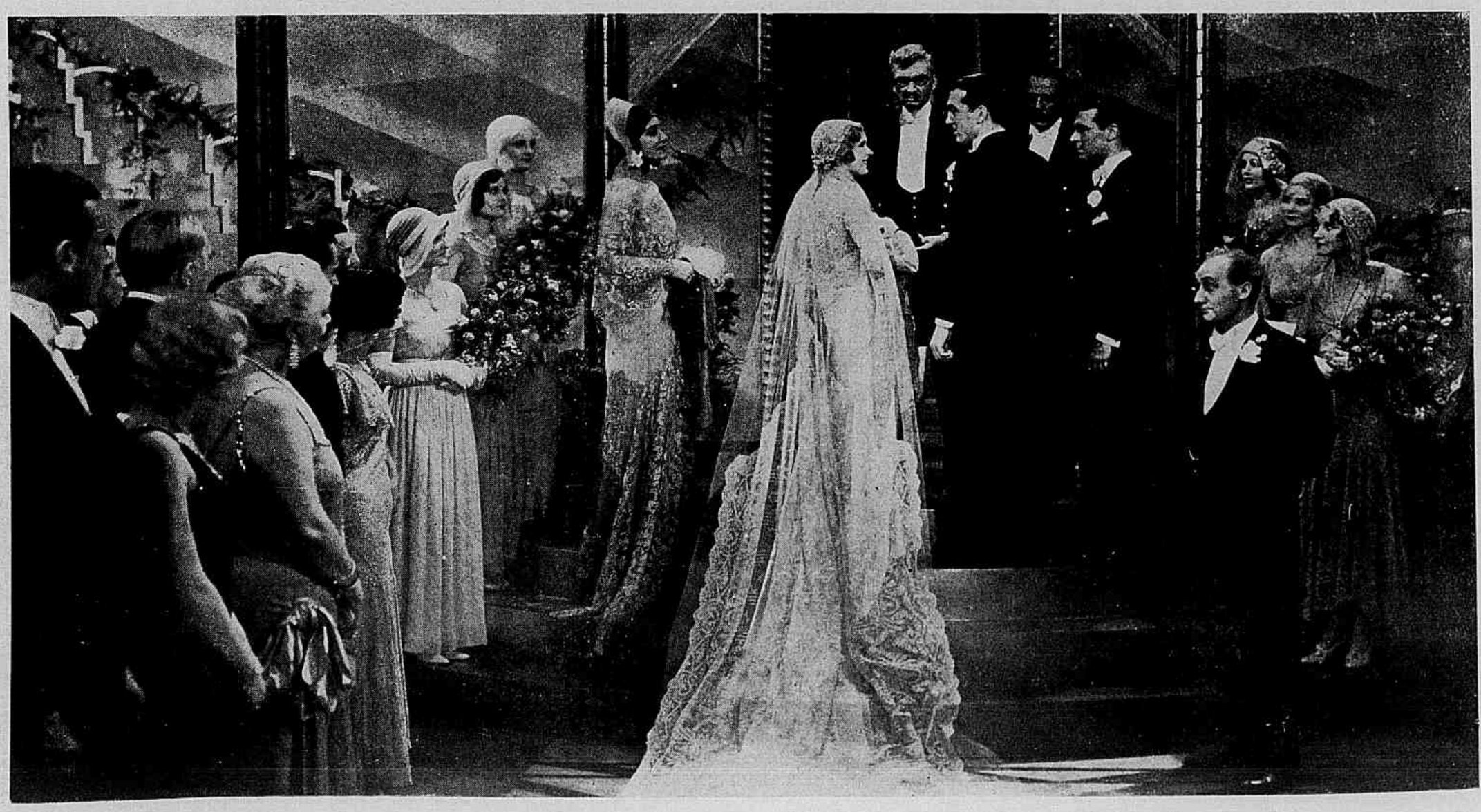
Mas em pouco Peters, o pai de Sunny, vigilante, desembaraçado da solteirona, correu ao encontro da filha, desfazendo-lhe o idyllio e dizendo-lhe que não lhe ficava bem aquillo...

Sunny, enraivecida, entra no seu camarim e Peters, afim de obrigal-a a não sahir d'alli, retira-lhe a roupa toda...

Sunny não se dá, porem, por vencida e mette-se num "maca-



Tom já não sabia como disfarçar seu ciume.



E realizou-se o casamento com extraordinario brilho.

Uma desconhecida que hesita em se revelar.

cão", apanhado de uma velha cithara, que sempre a acompanhava e tal um homem, corre ao cáes, na esperança de vêr, pela ultima vez, o homem querido.

Por sua vez o velho Peters, vendo que Sunny fugira, resolve ir levar a cachorrinha para a solteirona, que lhe garantia, no minimo, cem libras...

E o Destino opera, então, uma d'aquellas suas transformações em seus amplos scenarios...

Sunny consegue penetrar no transatlantico, escondendo-se no camarote de Tom Wareu, um dos rapazes do grupo que deixára alli, na terra, uma apaixonada, a deliciosa Weerie.

(Continúa na pag. 33)

A "surpreza", que já não surprehende ninguem.

OS QUE VIVEM NO ÉCRAN

BERNICE CLAIRE

Sua opinião sobre o "Coração da Mulher"

Bernice Claire, a nova gloria do Cinema Fallado, é uma d'essas creaturas que tem o dom de seduzir sem se enquadrar no classico typo da "vampiro". E não é uma "vampiro" porque, tendo alem de uma alta dose de malicia um mundo de peccados no corpo, tem, entre muitas cousas divinas, uma porção de pedaços do céo nos olhos. D'ahi ser ella uma creatura fascinante e envolvente sem ser uma d'essas aves agoureiras do amor que envolvem para matar e fascinam para semear a desgraça em almas felizes e que o cinema appellidou tão acertadamente de "vampiros"... Essa é a impressão que ella proporciona desde o primeiro instante quando se apresenta aos nossos olhos. Ar de menina que sahiu do collegio ainda com os ultimos versos de Ave-Maria na bocca, nuns momentos, geito de quem já conhece de mais a vida, noutros, sua mascara paradoxal não permitte um juizo definitivo sobre o seu temperamento e personalidade. Mas, o que é certo, é que a essa mascara privilegiada ella deve o seu grande successo no cinema, que, justamente por isso e tambem por outros attributos de alta valia, seduziu-a com as benesses de um contrato rendoso. E com aquella alegria espiritual que se lhe derrama pela physionomia e com aquelle sol de felicidade que lhe redoura a belleza, ella venceu na sua carreira.

BERNICE CLAIRE, da "Warner-First".

A adoravel Bernice Claire que o Rio conheceu em *No, No, Nanette* e que consagrou em *A Flamma* tem uma historia original. Nascida em 21 de Março de 1909 em Oakland, um pedaço encantado da California, creou-se entretanto, em Montana, até aos cinco annos de edade, quando começou a revelar a sua precoce inclinação para o palco. E de tal modo a sua precocidade se revelou, que Alice Eggers, notavel professora de canto, se interessou por ella, propondo-lhe educar-lhe a voz com o maior carinho.

E logo nas primeiras licções, com grande surpreza, Bernice Claire se revelou uma cantora notavel. Mas Bernice não se contentou só com aprender canto; quiz aprender tambem a dansar, com a famosa Mme. Norosini, uma notabilidade de S. Francisco. E não tinha ainda 15 annos e já era o grande successo de S. Francisco, numa companhia formada pelos jovens da cidade. Todo mundo, ante o valor artistico de Bernice, aconselhava a Sra. Claire a leval-a para Nova-York e a proporcionar-lhe o caminho de glorias que bem podia trilhar... Reunindo suas escassas economias, partiu com a filha rumo á capital da vertigem.

Bernice Claire travou em NovaYork relações muito intimas com Maria Jeritza, figura de nomeada da Opera Metropolitana e que teve a melhor impressão da sua figura e da sua voz. E como bôa amiga aconselhou-a a exercitar-se o mais que lhe fosse possivel nas dansas em voga, porque, na occasião, dava-se uma cousa interessantissima em Nova-York: emquanto sobravam cantoras pela Broadway faltavam bailarinas!... Bernice acceitou o conselho da amiga e acceitando-o deu-se bem, porque entrou, sem difficuldade alguma, para o corpo de baile da Opera Metropolitana. E foi ahi, seis mezes depois, que a foram buscar para fazer o papel principal de *A Canção do Deserto*, que marcou o seu primeiro triumpho!...

Com o triumpho do Cinema Fallado, Bernice Claire tornou-se alvo da cubiça de todos os productores! De facto, muito pouca gente reunia as qualidades artisticas que nella abundavam!... Alem de Marilyn Miller e de mais duas ou trez artistas de merito, nenhuma outra reune os dotes artisticos de Bernice Claire; razão pela qual as grandes fabricas procuraram envolvel-a na teia das mais risonhas propostas. Bernice Claire entre os seis convites que se lhe offereceram, cada qual mais vantajoso — acceitou o da *Warner-First*. E — coincidencia interessante — isso no mesmo dia em que o seu velho companheiro de glorias do theatro, Alexander Gray, ingressava no elenco da mesma fabrica. Bernice fez alguns "tests" que foram approvados. E, depois de um intervallo de alguns mezes, começou a trabalhar na filmagem de *No, No, Nanette*. E seu trabalho causou tanto agrado, empolgou tanto os productores da *Warner-First*, que não deram mais treguas á deliciosa creatura. Sem interrupções ella fez logo a seguir *Primavera de Amôr* e *A Flamma*, lindas operetas, filmando, depois, o drama tremendo de *Numbered men* e *Ganhando o Mundo*, alta comedia, na qual apparece tambem o impagavel Joe E. Brown.

Bernice Claire que é uma adoravel *faussemaigre* é uma creatura de simplicidade notavel. Não se embriaga na Gloria que a illumina, pelo contrario; distribue muitos dos seus proventos pelos outros...

Ainda ha pouco um jornalista perguntou-lhe o que ella pensava sobre o coração. E ella, com aquella malicia que lhe illumina os olhos, respondeu sorrindo:

— Só acredito no coração que as mulheres trazem nos labios por que é o unico verdadeiro!...

Greta Garbo, da "Metro".

A moda, na opinão das estrellas de maior brilho

O écran constitue, sem duvida, a revista de modas que possue maior numero de consulentes. As mulheres vão ao cinema, principalmente, para contemplar a serie infindavel dos modelos mais bellos e elegantes do mundo. Só faltam a esses figurinos, os commentarios que figuram ao pé de cada um, nas paginas de modas. Porem ouçam, agora, o que dizem as estrellas de maior brilho sobre a moda; são opiniões que bem podem supprir a falta assignalada.

Bebé Daniels: — "Sinto que desappareçam as saias curtas. Com ellas todas as mulheres pareciam mais moças... e alegres. Com a saia comprida a mulher toma um ar mais digno, mais solenne, segundo exige a silhueta majestosa moderna...

Que horror! Nunca poderei ser "grave" e "austera"! Mesmo que tivesse setenta annos. D'esse modo não adoptarei, positivamente, a saia comprida e sim a de tamanho "neutro", que é a que mais me convem e, isso, digam o que disserem minhas collegas!"

Corine Griffith: — "Existe uma moda das mais modernas, que julgo severamente e condemno sem appellação: a da pelle tostada.

Que se deixem queimar pelo sol as que tenham a pelle aspera, enrugada, comprehendo! Mas que estraguem a pelle as que tenham a sorte de possuil-a branca, fina, isso nunca! Embora o ukase venha de Sua Magestade a Moda, declaro-me em rebeldia!"

Norma Shearer: — "Estudei detidamente o assumpto. Encontrar vestidos que sejam photogenicos não é cousa simples. Uma mulher elegante, na rua, sem esse cuidado especial, tornar-se-hia insignificante no écran.

Quando comprehendi que, para o cinema, não era bastante que um vestido fosse de "bom gosto", cahi em outro defeito talvez mais grave. Minhas toilettes eram demasiado complicadas. Esse novo erro foi sanado pela moda actual, cuja elegancia reside na linha e não nos adornos.

Assim, minhas toilettes, hoje, são simples e photogenicas ao mesmo tempo".

Gloria Swanson: — "Sempre gostei da saia comprida, bem comprida. Fui a ultima a abandonal-a e a primeira a readotal-a. E essa preferencia não é devida ao afan de esconder nenhum defeito physico, como poderão pensar muitas amigas... E' tão facil, com um movimento habil, deixar ver umas pernas bem feitas..."

Greta Garbo: — "Antanho a "mulher fatal" vestia-se sempre de negro. Isso já passou de moda.

A côr mais suggestiva é a côr de carne. E por "côr de carne" não entendo esse horrivel tom rosado e sim o da propria pelle. Se sois loura, um rosa que tire a creme; se sois morena, um tom mais queimado... Sempre é claro, segundo o criterio de cada uma.

"Na estação actual, meu mais lindo vestido é de rendas negras, com "sombra" côr de rosa-marfim, muito decotado nas costas; porem o tom e os reflexos da

"combinação" fazem com que não se distinga onde acaba o tecido e onde começa a verdadeira carne".

Billie Dove: — "Nossos vestidos são nossas mais poderosas armas seductoras, pois é com a imaginação que os homens devem contemplar-nos e admirar-nos. Devemos não esquecer que a inquietadora Salomé, ao despojar-se do Setimo Véo, fugiu, correndo...

Por essa razão, considero que o maillot, em sua indiscreção, é o maior inimigo da belleza feminina, pois deixa transparecer a menor imperfeição que tenhamos. E onde existe a mulher que não tenha uma imperfeição?

A propria Venus não se deixou contemplar em toda sua nudez, inteiramente. Por alguma razão seria... E, talvez não, exactamente, pelo que acreditam os archeologos..."

A MINHA PHILOSOPHIA

por Wallace Beery

Certo dia, não ha muito tempo, alguem me fez uma pergunta que me deixou estupefacto por alguns minutos.

— O que é que lhe dá mais prazer na vida? — Foi a indagação.

Sem pensar muito, a principio, sobre o que ia dizer, respondí "Comer", pensando naquelle momento em succulentos "beefs-teaks", em trutas fritas, etc., e, reflexionando, vi que a vida não poderia ser mais aborrecida se me visse de repente privado d'esses deliciosos pratos.

Mas logo reconheci que a minha resposta não havia sido correcta. O que seria então da minha vida sem o meu aeroplano e os meus cães de caça? Quando alguem se lembra da emoção de voar e o prazer de sahir de casa com um par de cães e de uma bôa espingarda, a comida já não parece tão importante.

Pensando então sobre isto, comecei a imaginar a minha vida sem outra occupação que a de voar e caçar. De certo que me cansaria, talvez até o ponto de chegar a detestar ambas as cousas. Não creio que haja cousa mais fastidiosa do que andar procurando alguma cousa que fazer para matar o tempo. Em consequencia, comprehendi que o meu trabalho era tambem muito importante.

Emfim, cansado de procurar uma resposta exacta, affirmei ao curioso que eu desfructava de tudo em geral, na vida.

Não comprehendo porque ha pessôas que se preoccupam tanto com... todas as cousas! Conheço rapazes, muito mais moços do que eu, que se preoccupam tanto como se fossem velhos e isto não lhes traz nenhum bem nem a ninguem. A minha philosophia é acceitar as cousas como ellas vêm e desfructal-as!

E' por isto que não quero ser astro. O meu desejo é continuar pertencendo ao grupo dos artistas presentes na scena e nada mais. Deixemos a outros que tomem sobre si as preoccupações, as inconveniencias da gloria de serem astros. Quanto a mim, estou disposto a representar qualquer papel, sempre que seja humano. E depois de cada film, irei buscar o avião no hangar e levantarei vôo para qualquer logar distante e irei á caça, tal como sempre faço. Os cães irão tambem commigo no aeroplano.

Não posso comprehender o grande desejo de todo mundo para alcançar o firmamento cinematographico. Apostaria qualquer cousa em que alguns milhares de jovens existem, neste paiz, cujo unico ideal é serem astros do cinema.

Se soubessem o que é ser estrella ou astro, mudariam immediatamente de opinião. Ser astro ou estrella do cinema é um dos trabalhos mais ingratos no mundo. Impede que se goze a vida livremente. Digo isto com experiencia propria. Tambem já fui astro... e não quero voltar a ser nunca mais!

Quasi todas as luminarias d'aquelle tempo apagaram-se por completo, emquanto que o resto dos artistas — os que simplesmente completavam os elencos — continuam ganhando dinheiro e applausos.

Os astros ou estrellas têm sobre os seus hombros toda a responsabilidade do film. Se o film é máu, a culpa é d'elles. De certo, que tambem os louros são para elles, se o film é bom. Mas esses louros não compensam a angustiosa ansiedade com que o astro ou estrella espera o veredictum do publico.

Logo que termine os meus trabalhos em *The Secret Six*, vou emprehender um vôo ao Canadá, a um certo rio farto de trutas; e trarei commigo umas d'essas trutas, que, cozidas em manteiga, são uma delicia.

Mas se eu fosse um astro, estaria todo preoccupado, pensando no meu film e não poderia pensar em pescarias... Assim, porque não hei de gozar a vida? Vivemos uma vez só neste mundo!

José Crespo, da "Metro".

Marian Marsh, da "Warner-First".

PARA CONSERVAR A SAUDE E A "LINHA"...

O QUE COME UMA ESTRELLA

A monomania da dieta parece que vai perdendo terreno em Hollywood.

Verdadeiramente, a conservação da linha é uma das grandes preoccupações das estrellas do écran, posto que, por uma extranha illusão optica, a camera augmenta o volume da pessôa retratada.

Até agora todos acreditavam que o unico methodo para enfrentar esse defeito era a "fome"! As artistas de cinema viram os estragos que esse processo causou na saude e na belleza de algumas d'ellas. Houve até mortes: a bella Barbara La Mar foi uma das mais illustres victimas do methodo.

Deante de tamanhos ensinamentos, as estrellas decidiram ouvir a voz da sciencia.

Actualmente, nenhuma actriz nem actor se submettem ao regimem do jejum exaggerado. Clara Bow converteu-se em sylphide em poucos mezes. Houve quem dissesse que possuia um segredo, que encontrára um elixir encarregado de devolver-lhe toda a esbeltez. Nada d'isso. A explicação é muito simples: Teve que soffrer uma intervenção cirurgica. Ainda não está restabelecida e a estadia no sanatorio, na verdade, reduz as banhas de qualquer um...

Ha poucos annos, os restaurantes dos studios rivalizavam em menús "magros". Chegava um parochiano e dizia: "um almoço de regimem" e collocavam á sua frente uma fatia de abobora e duas azeitonas. Tudo isso passou á Historia!

Actualmente, cada artista tem seu medico e o methodo que seguem no tratamento é fixado de accordo com a resistencia e o temperamento do cliente.

Norma Shearer encontrou a solução, fazendo sua refeição mais forte ao meio dia: vegetaes, fructas e, ás vezes, um pouco de carne; porem, á noite, sómente fructas.

Anita Page emmagreceu muito privando-se de pasteis, cremes, e doces.

Leila Hyams abandonou o pão, a manteiga e os doces. Come, felizmente, de tudo mais.

Joan Crawford, que era uma das mais ardorosas jejuadoras, come, ao meio dia, queijo, figos e salada. A' noite faz uma ceia commum, sem batatas, doces, pão, nem manteiga.

Greta Garbo priva-se de todos os doces á base de creme e manteiga. Seu menú corrente consiste em salada, pão de centeio torrado e legumes, alem de queijo.

(Continúa na pagina 32)

1.º almoço — Café "simples", cereaes variados, pão preto, manteiga e leite gelado.

Em baixo — *Jantar* — Café "simples", dous bolinhos de carne, couve-flôr e geleia de morango.

Lunch — Frios com salada de batatas, chá com limão e doce de fructas.

Anita Page, *da* Metro, *a linda* Cunnie, *de "Broadway Melody", segue um regimem alimentar, como todas as suas collegas, para conservação não sómente da saude, mas tambem da "linha" impeccavel, indispensavel para os papeis que costuma interpretar. Aqui a vemos em* um dia de alimentação.

A MODA EM HOLLYWOOD

Dous elegantissimos costumes para a proxima estação, apresentados por **Joan Marsh** e **Conchita Montenegro,** da *Metro*.

MC-9.

Mary Kornman.

O Deus do Mar

Film da *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Leandro Dupré — RAMON PEREDA
Marianna — ROSITA MORENO
Korff — *Julio Villareal*
Pancho — *Manuel Arbó*
Nick — *José Pepet*

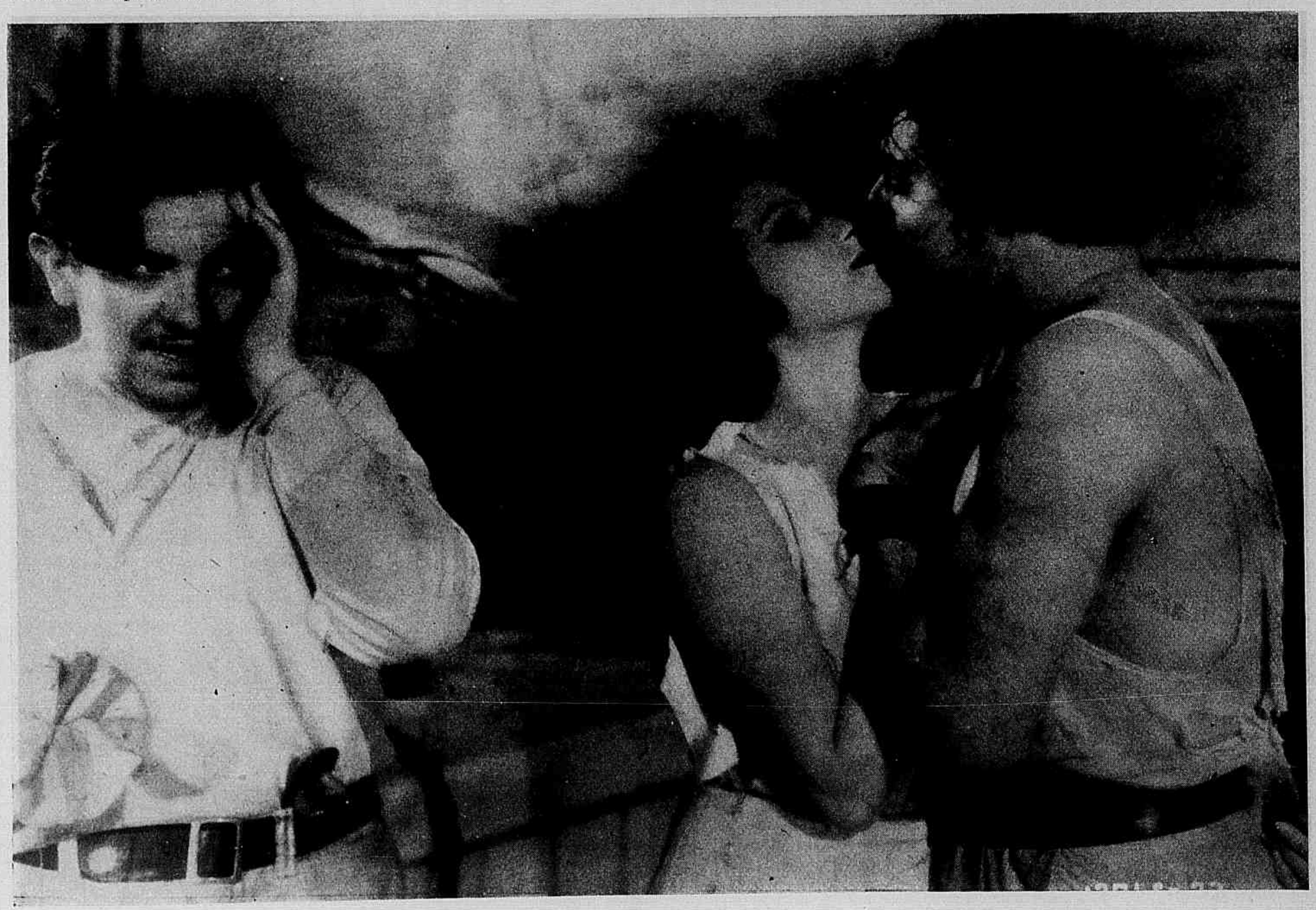
Impulsionada por vento favoravel, do qual a mão de perito timoneiro sabia aproveitar todas as vantagens, a goleta *Moça Bonita* navegava a toda a vela para Tipali. Muitas braças atraz, sem que logre sequer tocar com a prôa a esteira de espuma deixada pela rival, outra goleta segue o mesmo rumo. E' o *Grão Capitão*.

Ao olhar experimentado de um marinheiro não escaparia que alguma cousa de anormal havia entre aquellas duas embarcações. Ou o *Grão Capitão* se esforçava por alcançar a *Moça Bonita*, ou esta tinha algum empenho em ganhar distancia sobre o outro.

O que fizesse essa conjectura não se enganaria pois, com effeito Leon Dupré, o patrão da primeira, e Korff o dono do *Grão Capitão*, estavam empenhados na disputa de uma aposta de que dependia nada menos do que a posse das respectivas embarcações. Se Dupré ganhasse, Korff teria que lhe entregar sua goleta e o contrario aconteceria se fosse Korff o primeiro a chegar a Tipali.

A extranha aposta fôra estabe-

O idyllio feliz antes do rompimento.



Marianna não resistiu mais. Aquelle era seu unico e irremediavel amor.

lecida poucas horas antes quando Dupré, depois de ter perdido jogando dados com Korff, tudo quanto possuia, recusou vender sua goleta, preferindo jogar tambem o navio em um concurso de velocidade.

Fazendo-o, bem sabia que arriscava o unico bem que lhe restava, porque a goleta de Korff era mais veleira. Mas Leandro era fanfarrão e optimista.

Quando Pancho, seu dedicado immediato, lhe observou que o *Grão Capilão* tinha mais velas, elle replicou orgulhosamente:

— Que importa! Elle não sabe manobral-as.

E, pelo que se estava vendo, não lhe faltava razão. A *Moça Bonita*, ao envez de cortar as ondas parece deslizar sobre ellas, como uma gaivota, deixando cada vez mais distante a rival, na qual Korff, humilhado e furioso, amaldiçoava toda a sua tripulação.

Assim parecia já indiscutivel a victoria da *Moça Bonita*, quando o vigia de bordo bradou:

— Um naufrago á vista.

— Peior para elle! — foi a primeira exclamação de Leandro que, nesse momento, só podia pensar em sua aposta. E reiterou a ordem para que a goleta não se desviasse do rumo em que ia.

— Mas o infeliz deve estar morrendo de sêde — observou Pancho.

Mas Leandro não o ouviu por que, arrastado por um sentimento irresistivel, já correra para a amurada afim de olhar para o lado onde um ente humano se debatia implorando soccorro.

O bravo capitão do *Moça Bonita* ainda hesitou um instante.

— Paciencia — disse elle — Eu não commando um barco da Cruz Vermelha. Não posso perder tempo recolhendo qualquer infeliz que encontre no meio do mar.

E com voz de trovão, como se quizesse abafar a voz da propria consciencia, ordenou:

— Vamos! Adiante. A toda a vela.

Mas, quasi no mesmo instante, não podendo mais dominar os impulsos de piedade, que se erguiam em sua alma, deu ordem para que colhessem as velas. Sua honra de marinheiro e seu coração de homem não lhe permittiam seguir adiante deixando uma creatura humana em perigo de vida.

Em vão, Marianna se esforçava por manter uma attitude indifferente.

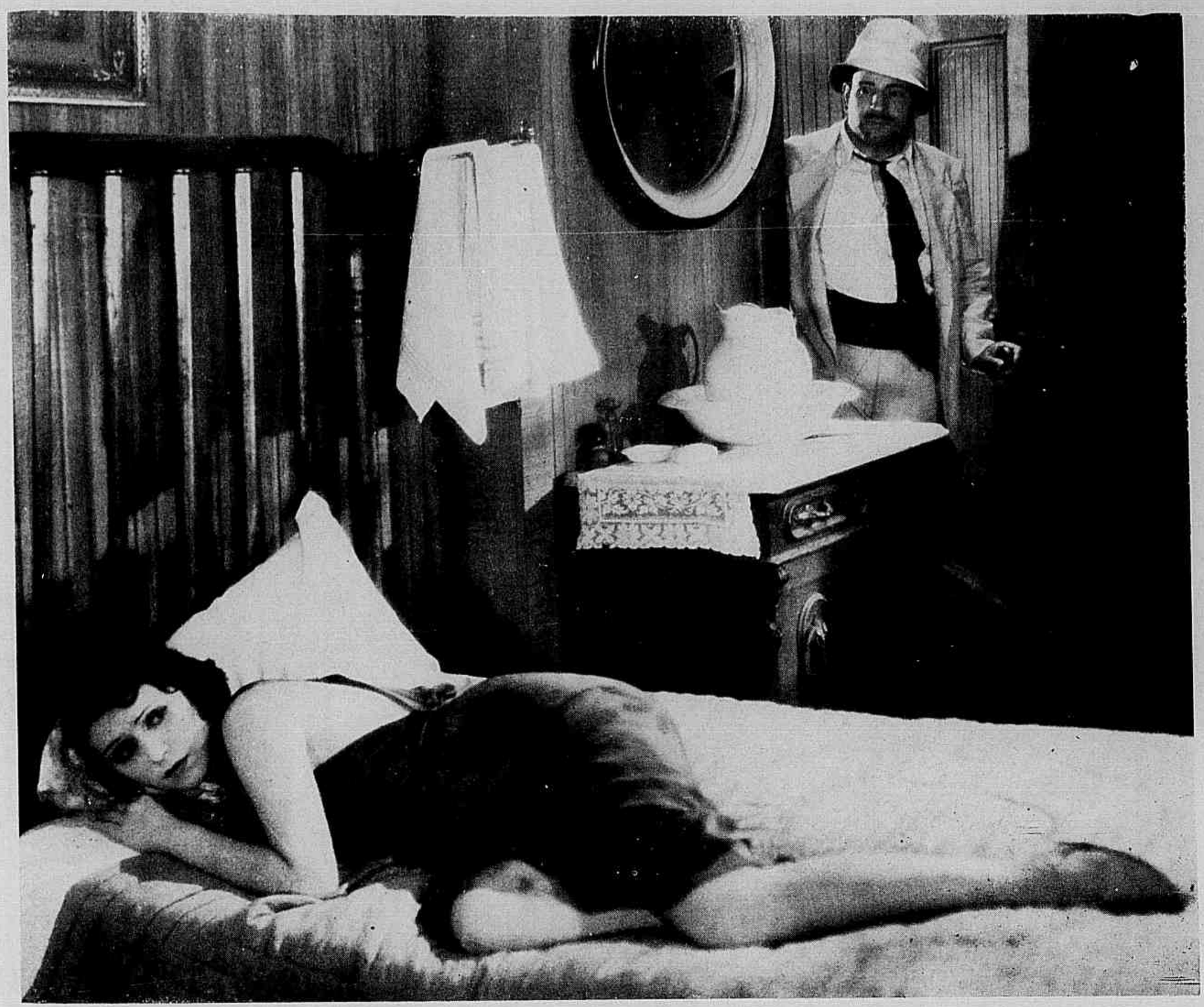
— Tranquillize-se. Ninguem lhe fará mal aqui.

Mas para salvar esse naufrago desconhecido perdeu tempo e com isso perdeu a aposta : isso é — ficou sem a sua formosa goleta. Essa perda deixava-o completamente arruinado, reduzido á miseravel situação dos infelizes, que viviam dia a dia contando unicamente com o accaso, naquellas praias da Melanesia, onde um destino implacavel os tinha atirado.

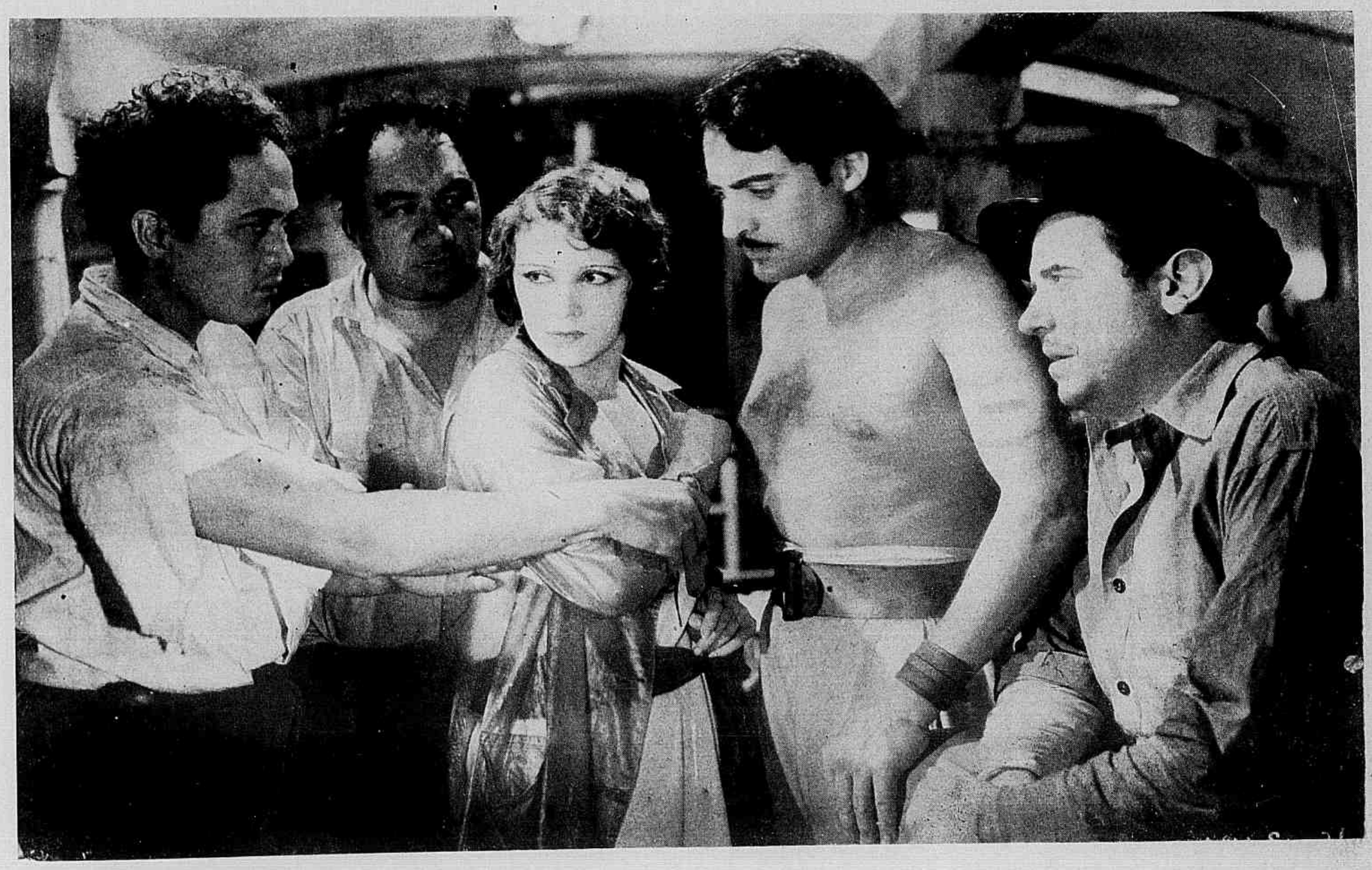
A noticia da leviana aposta e do seu resultado correu celere pelos arredores e embora o capitão do *Moç Bonita* fosse objecto de geraes sympathias, estas ficaram momentaneamente apagadas pela servil disposição, que sempre leva as multidões a se voltarem para aquelle que é favorecido pela fortuna.

Embora Korff fosse um homem que todos estavam habituados a temer e não sem motivo, pois era conhecido por seu caracter perverso e trahiçoeiro, appareceu de subito aos olhos de todos com o prestigio de um vencedor feliz. E a subita generosidade com

(Continúa na pag. 34).



Surprehendida em seu esconderijo.



Dous tripulantes vieram trazel-a á presença do capitão.

— Meu filho!... Onde está meu filho? — perguntou a pobre Clara.

A canção do berço

Film da *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Clara Serrano — *Corina Freire*
Jim Grey — *Alves da Costa*
Dr. Stanley — *Raul de Carvalho*
Sr. Ashmore — *Alexandre de Azevedo*
Mme. Ashmore — *Esther Leão*
Cyril Belloc — *Antonio Sacramento*
Bobby — *Guilherme Reis*
A creada — *Alzira Gueta*

Clara Serrano erguera-se cêdo, diligente como era e, depois de cuidar dos labores domesticos, entrou a estudar, com o auxilio de um phonographo, os passos de dansa de um acto de variedade que vinha ha dias já ensaiando.

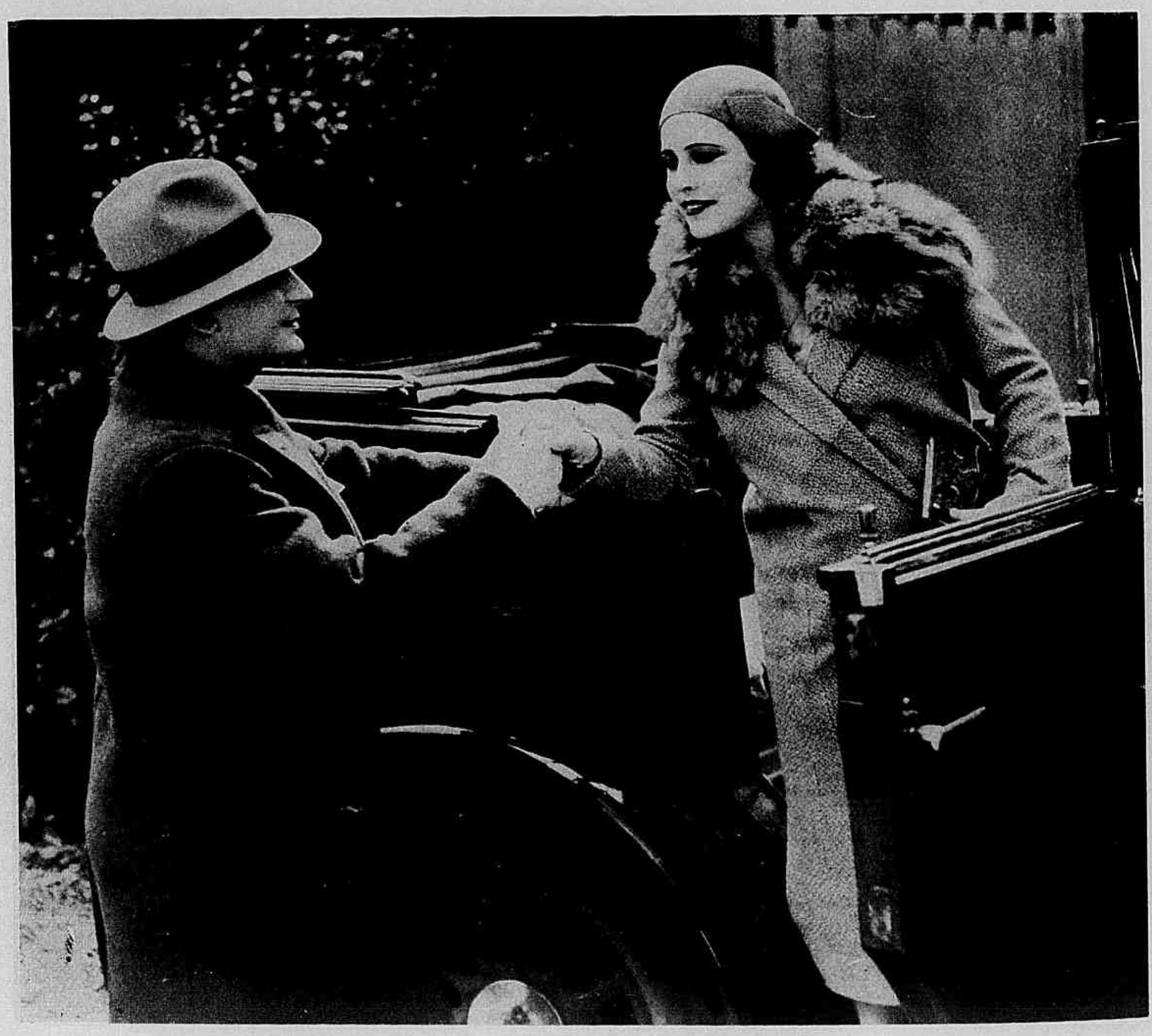
Mas, já cansada d'esse exercicio estafante, voltou-se para o homem que, dia claro, ainda alli dormia e disse:

— Anda, Jim! Levanta-te! Vai procurar um emprego! Queres levar a vida inteira dormindo? A preguiça não levanta predios.

Jim, voltando-se de um lado para outro, apenas abrira a bocca para rosnar uma praga e pedir que o deixasse em paz.

Ouvindo, pouco depois, as queixas e lamentações de Clara, ficamos sabendo que os dous se casaram ha já algum tempo. Ella com alguma inclinação artistica, tinha induzido seu joven esposo a se exercitar em varios trechos de bailado popular, formando com ella um duo theatral, que chegára a ser exhibido em publico. -

Mas, logo ás primeiras representações, não lhes foi favoravel



O advogado recebeu-a em sua casa de campo.

a sorte e, como resultado d'isso, viram-se summariamente despedidos pela empreza theatral.

Clara, em cujo coração existia muito de um sincero e espontaneo amor ás artes, viu no fiasco d'essa primeira tentativa apenas a prova de que não estavam ainda preparados para satisfazer ás platéias exigentes. Mas o marido, fatuo e ignorante, esse perdera a cabeça nas poucas noites de exhibição deante do publico.

Embora vaiado, elle entendeu que o trabalho do palco era o mais suave de todos e jurou a seus deuses nunca mais voltar a sua laboriosa profissão de chauffeur.

Por isso, desde que se desempregara do theatro, nunca mais procurára serviço. Seu unico intento era saltar desengonçadamente no tablado de algum theatro. E como isso lhe não fosse facil de obter, preferia, como vimos, dormir o dia inteiro.

*

A pobre Clara, que não conseguira fazer com que seu marido se levantasse, entrava agora a lhe dar conta de que o senhorio, tendo vindo em busca dos alugueis atrazados, declarára que se não pagassem naquella data, seriam postos na rua.

Em consequencia da falta de pagamento tambem, a companhia do gaz havia-lhes cortado a ligação e agora, com o filhinho chorando, não tem onde aquecer o leite — ultima porção restante — para alimentar seu bebê.

Jim levanta a cabeça, de máu-humor e explode raivoso:

— Que culpa tenho eu d'isso? Não querias um filho? Pois ahi o tens! Trata de o sustentar!

— Porque não buscas trabalho de chauffeur, como d'antes? Depois que estiveste aquelles dias no palco, só queres passar como artista...

— Se não podes sustentar teu filho — diz-lhe com mordacidade o marido — por que não o internas num orphanato, onde elle tenha tudo?

— Eu, separar-me do meu filho? Isso nunca! — exclama Clara.

Jim consegue por fim levantar-se. Lava ligeiramente o rosto, põe no pescoço sua escandalosa gravata de malandro e sahe cantarolando uma canção vulgar.

— Se não arranjares o dinheiro do aluguel da casa não voltes mais aqui —. grita-lhe Clara quando elle bate a porta, sahindo.

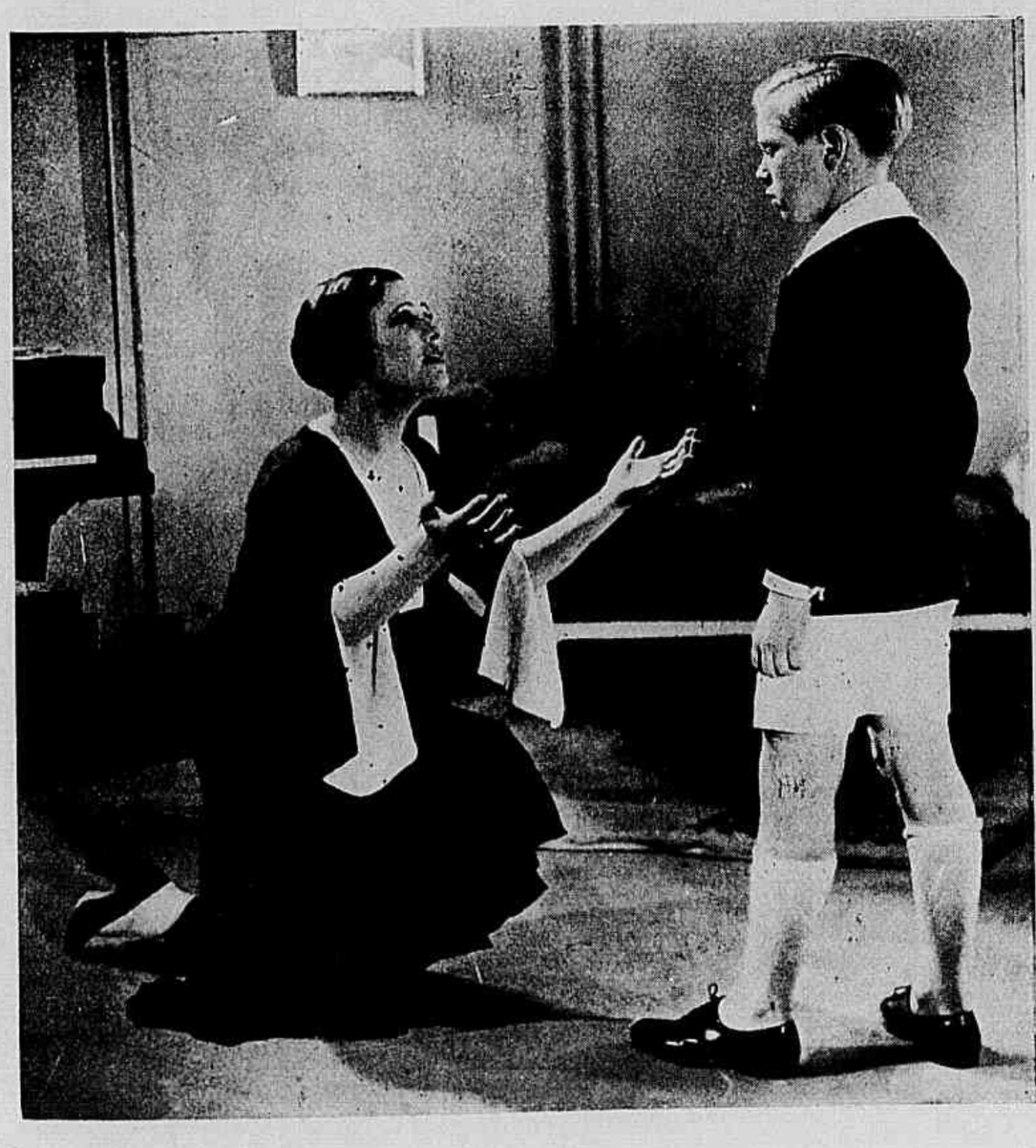
*

Pela cabeça do mandrião não passava a minima ideia de procurar trabalho. Isso só ao fim de uma semana trar-lhe-hia alguma remuneração, se o conseguisse e elle precisava de dinheiro immediatamente.

Lembrou-se então do Sr. Ashemore, em cuja fabrica seu pai trabalhára e dirigiu-se ao escriptorio do industrial. Mas esse opulento homem não estava disposto a emprestar dinheiro a ninguem.

(Continúa na pag. 30.

O Sr. Ashemore mantinha-se immovel e calado, indifferente áquellas supplicas.



Meu filho. Eu te reconheço.

— Não querias um filho? Pois ahi o tens. Trata de sustental-o.

Anna Christie

Film da *Metro-Goldwyn-Mayer* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Anna — Greta Garbo
Matt — Charles Bickford
Chris — George F. Marion
Martha — Marie Dressler
Johnny — James T. Mack

Uma cruz de brilhantes. Como a adquiriste? — perguntou Matt.

Alvoroçado com a noticia da chegada de sua filha, que elle não via desde muito pequena, o embarcadiço Chris lançára-se á bebida como nunca.

Fôra um dia de festa para seu coração, aquelle. Entretanto, á noite, quando elle se defrontou com Anna Christie, sua filha, estava longe de suppor que aquelle desanimo e aquella tristeza que exteriorisava, não eram apenas porque estivera doente, conforme Anna disse, mas porque a moça tinha em sua vida alguma cousa que desejava que seu pai jamais soubesse.

Anna Christie era, de facto, uma d'essas creaturas que a sociedade põe de parte, taxando-as de "levianas". A verdade, porem, é que devia ao proprio pai essa triste sorte.

Elle a deixára, quando muito pequena, já sem mãi, na fazenda de uns seus primos, em St. Paul, no Estado de Minnesotta.

Durante annos e annos, até a adolescencia, ella trabalhára como uma escrava para todos alli.

Moça, com a juventude desabrochando, Anna Christie foi cubiçada, então, pelos primos de seu pai. Um dia, um d'elles, o mais forte, tornou-a uma infeliz...

D'alli, cumprindo seu lamentavel destino, ella mudou seu modo de vida. Passou a ser uma das muitas desgraçadas que ha por ahi, cujo nome nunca é verdadeiro, para que as familias não se envergonhem...

Sentindo-se enferma, um dia, fôra para um hospital, onde estivera duas semanas. Restabelecendo-se, pensára em buscar seu pai, que jamais a procurára.

Alli estava, pois. Quando o velho Chris, entre lagrymas, lhe diz que ella irá descançar na barca de carvão, que elle possue, ella se revolta, mas comprehende, afinal, que sempre será melhor viver miseravelmente ao lado de seu pai, com a opportunidade de mudar seu destino — de se tornar outra mulher — do que viver novamente aquella vida, que queria esquecer e occultar a todo o mundo...

Em pouco ella se affizera áquella vida sem conforto, a bordo.

Uma semana depois, na costa de Massachusett, a barcaça do velho Chris soffre os rigores de uma terrivel tempestade.

Anna Christie já se acostumára áquelle ambiente e até, em parte, sentia felicidade naquella solidão, adorando o mar em toda a sua belleza immensa.

Longe de fugir para o interior da barca para não ver a tempestade, ella ajudou seu pai a manobrar o leme e por isso foi a primeira a dar a mão a uns tripulantes de uma embarcação que naufragára.

Dentre esses homens soccorridos pela barcaça de Christ, está Matt, um brutamontes. Audaz, elle logo dirige gracejos a Anna Christie, porém ella o repelle.

Não tardou, porém, que um visse nos olhos do outro qualquer cousa que os attrahia.

Anna Christie sentiu que o coração d'aquelle homem tinha para ella qualquer cousa differente e elle viu em Anna Christie a mulher, que sempre sonhára.

Namoraram-se, a despeito da opposição do velho Chris, que tinha ciumes da filha e porque não desejava vel-a casada com um maritimo.

Continuou esse namoro e conti-

— Não... eu não sou uma escrava — protestou a infeliz.

Não beba assim — supplicou Anna.

nuaria, se não chegasse um dia mais infeliz para Anna Christie, o dia em que ella teve de responder ao pedido de casamento de Matt.

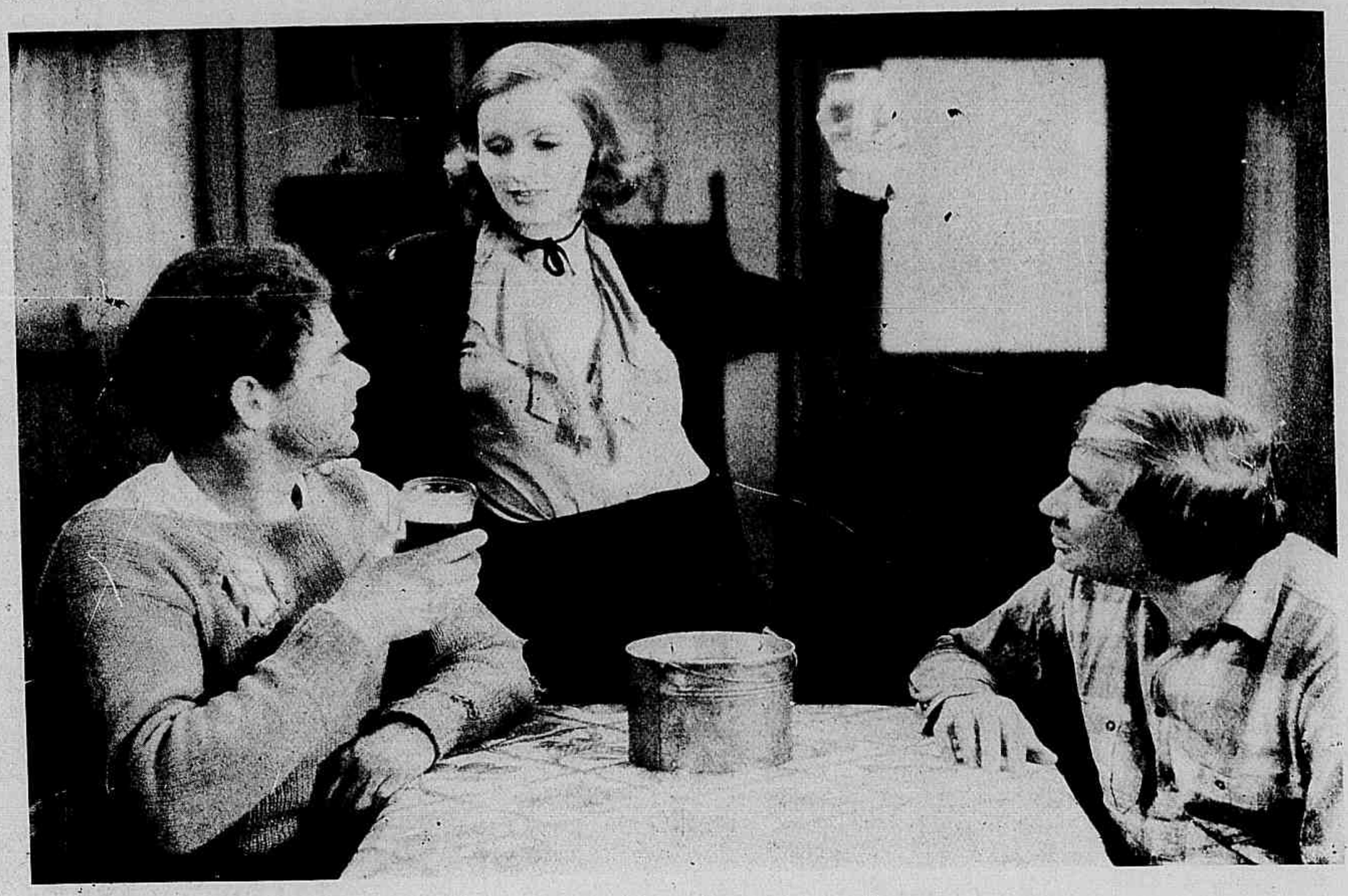
Foi necessario, então, que confessasse ao pai e ao namorado — transida de vergonha, — toda a sua immensa desgraça.

Seu pai, surprehendido, mostra-se desolado, porem ella faz com que elle se reconheça o unico culpado de sua desgraça; elle a abandonára, nunca a procurára e os homens eram todos, afinal, uns perversos, tal como Matt, que não poderia admittir que ella se regenerára e se mostrava disposto a abandonal-a!

As lagrymas de Anna Christie, entretanto, envolveram o coração de Matt e o fizeram comprehender que ella era digna do seu amor.

Isso só aconteceu no dia seguinte; mas a felicidade do momento em que elle disse isso á namorada, compensou bem toda a immensa noite de lagrymas e de torturas que Anna Christie passára, sentindo-se irremediavelmente lançada á desgraça para sempre...

Felizes — o velho Chris, Matt e Anna Christie, partem, então, para muito longe, na barcaça em que não se fallaria mais no passado de Anna Christie...



— Acompanho nesse brinde, se fôr o ultimo — disse a moça.

Canção do berço

(Continuação da pag. 27).

Vendo que seu plano alli não produzia resultado, Jim lembrou-se de sua qualidade de pai e fez referencia a suas difficuldades, sem ter com que alimentar seu filhinho...

— Então, você têm um filho, heim? Quanto o invejo! Esse foi sempre o meu sonho dourado — exclamou o Sr. Ashemore.

E logo, como a despedil-o:

— Não deve perder tempo, amigo! Pense em sua responsabilidade de pai. Isso lhe dará coragem para trabalhar...

Conselho facil, esse, porem Jim não tem a menor intenção de o seguir. Ademais, os bebês nunca lhe despertaram o menor interesse, mórmente o de Clara, que á noite lhe rouba bôas horas de somno, chorando...

E assim, ruminando essas ideias cynicas, vai o malandro sem mais se dar conta da situação, que, em casa, o espera.

Andando, andando, desembocca em uma praça onde ha uma estação de recrutamento.

Jim lê ahi os annuncios a côres que descrevem os logares pittorescos por onde vão a passear os fuzileiros navaes a bordo dos vasos de guerra, e vê nisso uma optima sahida para seus atropelos. Alista-se como soldado.

Volta á casa um tanto embriagado e com seu projecto em ebulição.

Clara vê que elle está cheirando a alcool; mas como precisa de sahir, deixa-o com o bebê. E' isso o que o miseravel deseja: agarra da creança, enrola-a numa colxa e sahe com ella.

Mais tarde, ao regressar á casa, Clara comprehende a terrivel tragedia. Em pranto corre ao apartamento de um visinho, o Sr. Belloc, que tantas vezes a tem amparado. Ambos sahem á procura de vestigios do menino, porem nada descobrem. Oh, pobre mãi!

Aquelle gesto brutal revoltou profundamente a pobre Anna.

Transcorreram alguns annos. Sem nunca mais ter tido a menor noticia de seu filho, Clara reune-se á Cruz Vermelha e parte para a Europa, onde a guerra está devastando a humanidade. Alli, sempre cheia de mágua pela lembrança de seu filhinho, dedica-se a pobre mãi a divertir os feridos, num hospital de sangue, com algumas de suas canções tão repassadas de sentimento.

Tendo certa vez exgottado o seu repertorio, canta como remate a — Canção do Berço — estrophes com que costumava ninar o seu filho.

Ao ouvir essa voz e esse canto, um dos feridos volve-se para ver quem é a cantora.

Esse ferido é Jim! Clara, mal o vê, reconhece-o. E corre para elle.

UM MARAVILHOSO SHAMPOO

« Tive uma verdadeira surpreza sabendo que esta senhorita com o cabello tão bellamente ondeado não o lava nunca com sabonete ou com pó de shampoo artificial. E' ella mesmo que faz o proprio shampoo dissolvendo uma colherzinha, das de café, cheia de granulados Stallax em uma chavena de agua quente. « Encommendo ao meu pharmaceutico — diz esta senhorita — e elle o recebe em pacotes que veem sellados e sómente se vendem assim, contendo cada pacote quantidade sufficiente para fazer de 25 a 30 lavagens de cabeça. E' de tão rico aroma o Stallax que muitas vezes o comeria como se fôra uma guloseima. "Certamente, e ainda com esta extranha idéa, o cabello desta senhorita se conserva tão formoso que desde este momento vou experimentar em mim mesmo o effeito desta receita."

— Onde está meu filho, Jim? Dize-me, onde está elle?

O rapaz, ferido num dos ultimos encontros com o inimigo, está agonizante. A's instancias da pobre mãi, mal pode pronunciar uma palavra — Ashemore — e expira...

Clara fica com essa unica palavra na mente.

Volta para a sua terra natal e, com esforços, de pesquiza em pesquiza, consegue chegar ao escriptorio do industrial, que já conhecemos. Mas o homem nega peremptoriamente saber qualquer cousa sobre o menino.

A torturada mãi, sempre com desconfiança de que o industrial sabe onde está seu filho, recorre a um advogado, o Dr. Howard Stanley, que, por infelicidade da pobre mãi, succede ser o advogado do Sr. Ashemore.

Ella lhe expõe o caso. O advogado, entretanto, trata de dissuadil-a d'isso, pois conhece os Ashemore ha muitos annos, sendo mesmo cunhado do industrial e sabe que o unico menino que têm, em sua companhia, se bem que nascido quando Stanley andava passeando na Europa, é filho do casal.

Em vista de tão forte argumento, Clara se decide a esperar. Afim de obter dinheiro para seu viver, volta-se de novo para seus estudos musicaes. Vai á Allemanha e lá começa a trabalhar na opera.

Por que não procuras trabalho como chauffeur?

Annos depois, quando volta a seu paiz, é uma artista consumada. Faz a sua estréa e no dia seguinte vai ao escriptorio do Dr. Stanley, que d'ella já não se lembra.

Mas uma simples referencia ao caso do menino logo a identifica. E' ella, a mãi torturada que volta ao campo de suas pesquizas, cada vez mais empenhada em descobrir seu filho.

Agora Clara é outra mulher. Como *prima donna* do theatro lyrico, tem uma fortuna nas mãos para proseguir em sua luta afim de rehaver o que mais deseja neste mundo.

Stanley continúa em sua innocencia acerca do menino adoptado como filho por seu cunhado Ashemore.

Clara porem insiste em dizer que esse menino é seu filho e que se o mostrarem, ella facilmente o identificará por um signal que tem.

O Sr. Ashemore, ao saber d'isso, nada diz.

Dias depois, porem, ao descobrir que a cozinheira tem um filho mudo da mesma edade de Bobby, resolve mandal-o a Clara, para assim desoriental-a.

Com effeito, a pobre mulher recebe em seu apartamento o rapazinho, que Mme Ashemore lhe manda, como sendo seu supposto filho. Clara toma-o nos braços, acaricia-o, faz-lhe per-

ARTISTAS EM CARICATURA

Anita Page, Wallace Beery e Marie Dressler, vistos pelo lapis irreverente de Belano, artista mexicano.

guntas, porem elle nada responde, pois é mudo!

Mme. Ashemore ainda tem a coragem de explicar:

— Era por isso que nós não lhe queriamos mostrar o pequeno... por vergonha.

Neste interim, succede que Bobby, o verdadeiro filho de Clara, zangando-se com seus pais adoptivos foge para a casa de seu tio, o Dr. Stanley, que mora fóra da cidade em companhia de uma irmã.

Nessa mesma tarde, tendo o advogado telephonado a Clara por quem anda deveras apaixonado, e sabendo-a tão pezarosa pela desillusão que recebera com a visita do rapazinho mudo resolve convidal-a para passar o domingo em companhia d'elle e de sua irmã, na sua residencia no campo.

Clara, que queria fugir a sua mágua, acceita de bom grado esse convite.

Ao chegarem a casa, ella vai dar um passeio, sósinha, pela margem do rio, que passa pelos fundos da propriedade.

Alli brincando numa lancha automovel, vê um menino, que a convida a dar umas voltas pelo quadro do porto, na lancha. Ella acceita, sem saber que Bobby é seu verdadeiro filho.

De volta, ao fazer a lancha uma curva muito curta vira.

Clara, com grande esforço e risco da propria vida, consegue salvar o menino da agua, porém muito abatido.

Uma febre alta assalta-o. Bobby delira. E' levado para casa e o casal Ashemore vem a toda a pressa, pois o desapparecimento do pequeno os puzéra como doudos.

Em redor do leito do garôto olham-se as duas mãis — a adoptiva e a verdadeira. E Mme. Ashemore, que já tinha sido avisada pelo irmão de que se não entregasse o filho alheio elle levaria o caso aos tribunaes, quando ouve Bobby chamar — "mamãi" "mamãi" — chorando, pede a Clara que o attenda.

Estreitando seu filho entre os braços, Clara não pode deixar de sorrir para Stanley, mesmo com os olhos lavados de pranto, pois a elle é que deve o feliz encontro d'aquelle pedaço de sua alma de mãi.

Ming Toy era uma encantadora chinezinha.

Oriente e Occidente

(Continuação da pag. 10).

Ming Toy não era chineza, mas filha de norte-americanos, que, tendo perecido longe da patria, a haviam confiado, ainda pequenina, aos cuidados do patife.

O maior impedimento para o enlace de Billy e de Ming Toy — a differença de raça — tinha desapparecido e elles, assim, podem, emfim, realizar seu ideal de amor.

O que come uma estrella

(Continuação da pag. 20).

Alice White, que perdeu bastante peso, diz que o deve ao muito exercicio. Alguns medicos o prescrevem, porem não com exaggero.

Lina Basquette, que se converteu em uma sombra, recommenda a gymnastica sueca.

A saude é o ponto primordial actualmente e o que os studios pedem a seus artistas é que, ao envez de passar fome, entreguem-se a medicos especialistas, que cuidem de seu physico sem serios perigos para sua saude.

ANITA PAGE

(Continuação da pag. 6).

tempo para aprender a andar como um rapaz. De minha parte, esforcei-me muito para aprender os passos de bailado em *The Broadway Melody*; mas quando vi as provas preliminares na tela, comprehendi que valia a pena.

"E' grande estimulo pensar-se que se está fazendo alguma cousa para agradar e distrahir o publico. William Haines diz que isso constitue realmente o maior prazer para o actor cinematographico... saber que quando elle trabalha bem, vai transmittir alegria ao publico. Sem duvida, gostamos de agradar a todo mundo e, pela minha parte, sinto-me feliz com as cartas recebidas dos meus admiradores, nas quaes, pessôas que nunca vi e nem nunca verei talvez, me escrevem dizendo que me apreciaram muito em tal ou qual film.

"Bem que tenho medo de não agradar o publico no papel que representei em *Our Dancing Daughters*; isto porque me parecia que o papel que eu estava caracterisando não era nada sympathico. Mas muitas foram as cartas que recebi, felicitando-me. Isto convenceu-me de que quando se trabalha com enthusiasmo, sempre se recebe a compensação dos nossos esforços.

"O publico é sabido e não se deixa enganar facilmente. E' tal como meu pai".

Ahi a campainha tilintou e Anita, attendendo-a, observou:

"E' papai. — Está lá fóra esperando-me no automovel. Tenho que ir depressa".

E apanhando o chapéu e a bolsa sahiu quasi correndo, para encontrar-se com o seu querido papai...

PERFUMES RAROS

TODOS OS TYPOS

Amour-Amour, Chanel, Essence Rare, Molyneux, Nuit de Noel, Pois de Senteur, Tabac Blond, Vers le Jour etc. etc.

FAÇA SEUS PERFUMES E AGUA DE COLONIA EM CASA

Temos ESSENCIAS para todos os perfumes, da marca **GALLIODOR,** recebidas directamente de Paris e que offerecem a garantia de sua pureza, em vidros originaes devidamente lacrados. Resultado garantido. Manipulação facilima. Peçam gratis formulas para manipulação e listas de preços para varejo e atacado.

DROGARIA MELUCCI

Rua 7 de Setembro 25 — *Fone 4-3373* — Rio.

SUNNY

(Continuação da pagina 13).

E a esse tempo o navio fazia-se ao largo, levando Sunny e Peters que, perdido dentro da grande nave, d'ella não pudera sahir antes da partida.

*

O transatlantico já viajava em pleno Oceano quando, certa tarde, um dos creados descobriu Sunny occulta no fundo do camarote e deu o alarma:

Todo mundo correu e ante os olhos de todos, Sunny foi retirada de seu esconderijo.

Tom, em meio á surpreza geral, ficou contentissimo por tornar "a gente de bordo vêr"... depois se divorciariam...

Apoz esforços ingentes, apoz uma luta insana, na qual Tom empregou todas as luzes de sua intelligencia — Jim consentiu no sacrificio de... se casar com Sunny.

E realizou-se a ceremonia nupcial com pompa e brilho extraordinarios...

*

Em Nova-York, onde Jim e Sunny se installaram confortavelmente, mais e mais se accentuaram as divergencias que os separavam: elle querendo sua inesquecivel Weenie; ella querendo o seu adorado Tom, cuja noiva não o largava...

Para que ella não sahisse d'alli, o emprezario deixou-a no camarim absolutamente sem roupas.

a vêr Sunny, cercando-a de todos os seus carinhos e attenções, mesmo ante os protestos e revoltas de Margarida, sua noiva.

Mas Sunny, alli no navio, era um "caso".

Felizmente esse caso em pouco era resolvido com a bôa vontade da solteirona, que num gesto de alta philantropia, resolveu pagar a passagem de Sunny.

Mas outro caso, mais grave ainda se criava agora: como poderia Sunny desembarcar em Nova-York se não tinha passaporte?

Tom que tudo fazia para conservar Sunny ao menos ao alcance de seus olhos, propoz a Jim que se casasse com ella!... Seria um casamento só para

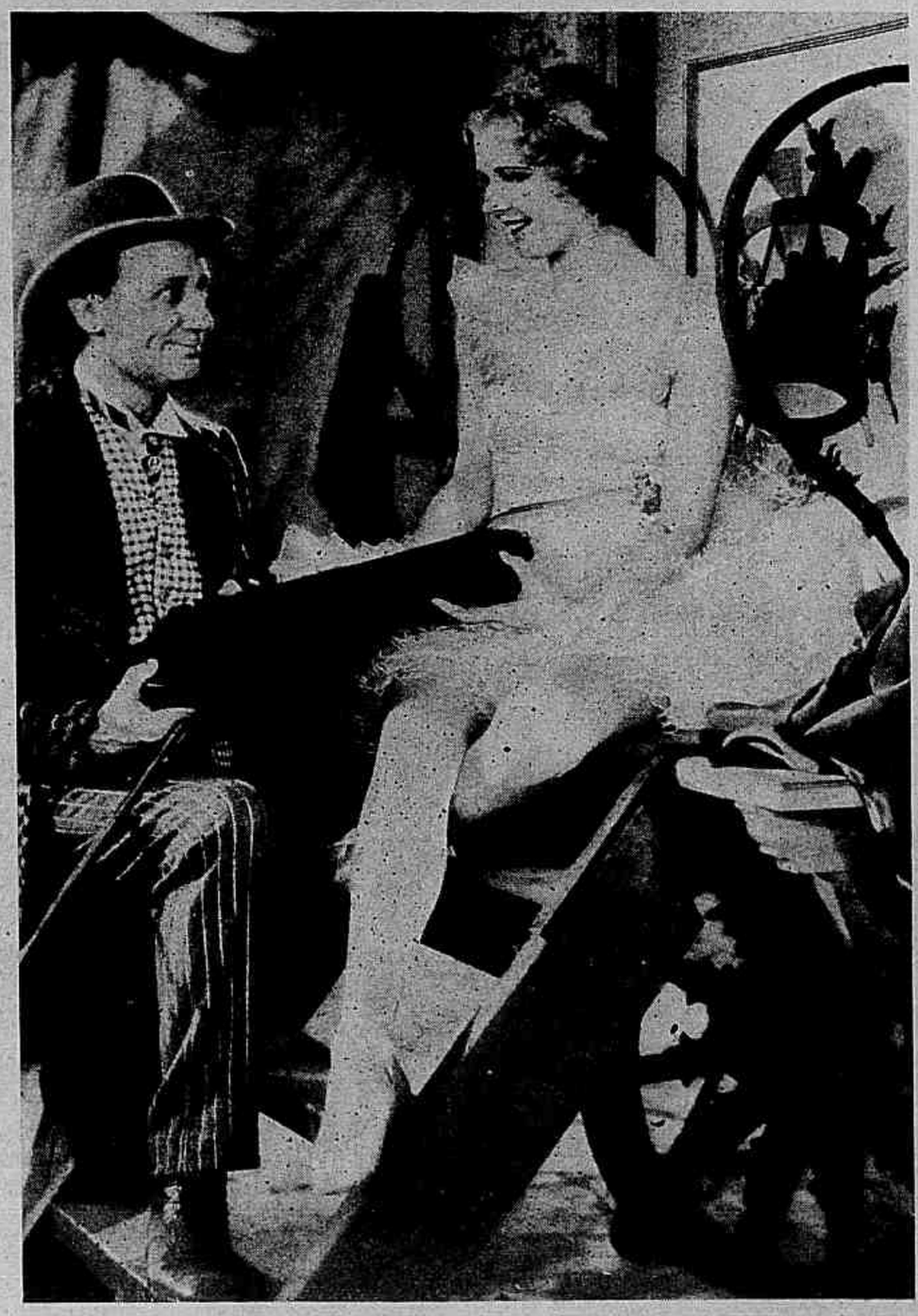
Por sua vez, Peters não perdoava o genro uma opportunidade para "mordel-o" e as cousas andavam assim, quando Tom, louco de amor, resolveu precipitar os acontecimentos, fazendo Sunny requerer o divorcio sob o pretexto de que o marido a espançava miseravelmente.

Agora a nota mais imprevista em todo o singular romance:

Weenie, saudosa de Jim, resolve partir a seu encontro na companhia do caricatural Wendell, que ainda tinha suas esperanças de conquistar o amor de Sunny...

Chegam Weenie e Wendell, precisamente quando o juiz despacha o divorcio de Sunny. Mas succedem-se tantas complicações, que só ao cabo de uma

Aquelle fôra sempre o seu preferido.



Todos alli lhe dedicavam grande affeição.

situação muito séria é que se realiza, com a liberdade de Sunny e Jim, a grande felicidade de todos:

Jim casa com Weenie e Sunny com Tom...

O Deus do Mar

(Continuação da pagina 25).

que convidou toda a gente a festejar sua victoria bebendo em sua taberna, acabou por conquistar em seu favor a sympathia dos ultimos hesitantes.

Entretanto, indifferente a todo esse bulicio suscitado por seu acto leviano, Leandro, sentado, sósinho, em um recanto do bar, bebia em silencio. O golpe que acabava de soffrer, foi rude porem elle não é homem para se deixar abater por golpes do destino. E embora sem base alguma, mantem a esperança em seu coração.

Afinal de contas, a perda da formosa goleta *Moça Bonita* não foi mais do que o ultimo capitulo do episodio mais doloroso de sua vida, o de seu amor por Marianna, a linda noiva que rompeu com elle, por causa de sua funesta paixão pelo jogo.

Longe d'essas ilhas ás quaes veiu ter em busca da fortuna e onde esta se tem mostrado tão adversa, tentará recomeçar sua vida. Quem sabe se o futuro não lhe reserva, entre suas promissoras incognitas, a riqueza, que permitte comprar o bem estar, o conforto e até o amor, embelleza a sua existencia.

Emquanto elle se entregava a esses enganadores pensamentos, Marianna, na qual, sem dar por isso, fixava o olhar com machinal insistencia, approximou-se d'elle, arrancando-o áquelle devaneio.

— Supponho — disse ella timidamente — Supponho que fazes tudo isso para me torturar ainda mais.

Discutindo a situação da "clandestina".

— Que quer dizer? — pergunta Leandro — Isto que? Que estou eu fazendo? Fallas por que estou bebendo.

— Por isso e por causa dos dados, por causa d'essas ridiculas apostas, que já o fizeram perder o navio, seu carregamento e hão de fazel-o perder até a ultima camisa. Quando se corrigirá, Leandro?

— De que me valeria corrigir-me, agora que já perdi o que mais queria neste mundo?

— Teu navio, não é verdade? A unica cousa a que tinhas verdadeira affeição em toda a tua vida — replicou Marianna sem poder disfarçar uma expressão de amargura.

— Bem, Marianna. Já me disse sobre esse assumpto tudo quanto tinha a me dizer, na ultima vez em que nos fallamos.

— E repito-o agora, por que não tenho outra cousa a dizer emquanto não mudar de conducta — replicou a moça, com irritação, fazendo um movimento para se afastar.

— Isso é um bom pretexto para agir como mais lhe agrade. Mas tem razão — accrescentou Leandro, contendo a colera, que tambem começava a dominal-o. — Sempre é bom voltar-se para o sol que se levanta. Korff é um homem que tem diante de si um bello futuro. Escolheu bem. Eu a felicito.

E, sem mais dar attenção á presença da moça, apanhou um copo, bebeu e apressou-se a encher outro.

*

Dous ou trez dias depois do que acabamos de narrar, encontrava-se Leandro Dupré em sua residencia, quando viu entrar alli um homem já edoso, no qual reconhecera o naufrago encontrado em hora tão pouco opportuna, durante a ultima travessia de sua goleta.

— Patrão... patrão — balbuciou esse homem, em uma mistura de dialecto indigena e lingua ingleza. Patrão... tu salvas mim... minha vida... eu pago tu...

— Oh! desgraçado! — exclamou Leandro furioso — Sahe já d'aqui, se não queres que te ponha fóra a pescoções. Quantas vezes te hei de dizer que não me aborreças. Tu não me deves nada...

— Mas olhe, patrão... olhe — insistiu o velho — Eu sou Nick, o pescador de perolas.

E segurando um pequenino sacco, que trazia pendurado ao pescoço entregou-o a Leandro.

— Perolas? — repetiu este, incredulo.

— Eu te digo perolas...

— Onde as encontraste?

— Eu pescar. Perolas minhas... Eu dar a tu... Toma — insistiu Nick, teimando em collocar o saquinho na mão de Leandro — Isto é dinheiro. Tu podes comprar barco.

— Como? Espera... Vamos a ver... Senta-te e explica isso direito.

Pancho, o dedicado immediato e amigo, que, com navio ou sem navio, seria capaz de se deixar cortar em pedaços para não abandonar Leandro, approximára-se, interessado por essa discussão.

Elle conhecia Nick, sabia-o homem serio e sabia tambem que elle era o unico sobrevivente de uma expedição de pescas ás ilhas Salomão, ilhas habitadas por selvagens anthropophagos, mas em cujo littoral ha magnificos bancos de ostras peroliferas. Era bem verosimil que o velho Nick tivesse trazido de lá verdadeiras e valiosas perolas.

De facto, examinando o conteúdo do saquinho, os dous amigos verificaram que as perolas eram verdadeiras e entraram logo a forjar plano soberbos. Sómente uma ou duas d'ellas davam para comprar de novo a goleta *Moça Bonita* e com as indicações que de resto Nick não se negaria a lhes dar, iriam ás ilhas Mariannas pescar mais uma ou duas centenas d'essas valiosas perolas.

Porem era preciso agir com grande cautela, por que Korff já declárara que preferiria pôr fogo, elle mesmo, com suas proprias mãos, á goleta *Moça Bonita*, a vel-a de novo em poder de Leandro Dupré. Além d'isso não convinha que Korff soubesse o intuito da expedição que pretendiam realizar.

REMEDIOS DE VALOR
DOR GRIPPE? RESFRIADOS → GUARAINA ENVELOPPES E TUBOS
OPILAÇÃO? VERMINOSES → OPILINA 8 PEROLAS PEQUENINAS
FRAQUEZA? MAGREZA → GUARANIL CONCENTRADO SABOROSO
SYPHILIS? BOUBAS → TREPARGYL COMPRIMIDOS ARSEN. MERC.-IOD.
MALEITAS? PALUDISMO → MALEIZIN COMPRIMIDOS E AMPOLAS
PURGATIVO? LAXANTE ENERGICO → PURGOLEITE TUBOS E ENVELOPPES
CONSTIPANTE? ANTIDIARRHEICO → TANOLEITE COMPRIMIDOS
TOSSE BRONCHITE? COQUELUCHE → HUSTENIL GOTTAS E XAROPE
ARTERIOSCLEROSE? VELHICE CORAÇÃO → IODALB GOTTAS
Trazem nos rotulos as respectivas fórmulas.
A' venda nas bôas pharmacias e drogarias.
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C.IA - RIO

Da primeira parte, isso é — de comprar a goleta sem que pessôa alguma suspeitasse o nome do verdadeiro comprador, encarregou-se Sin Li, um negociante chinez de Tipali com quem Dupré negociára e fizera excellentes relações em viagens anteriores. Conseguido isso, tratou-se de armar e equipar o *Moça Bonita* sem que Leandro e Pancho figurassem nesse trabalho.

Já estava tudo prompto, quando, afinal, Korff sobresaltou-se furioso, ouvindo de Gil, um de seus apaniguados, o seguinte:

— Sabe que o *Moça Bonita* se faz ao mar amanhã? E sabe quem é seu commandante? Leandro Dupré, que, como de costume, leva o Pancho como immediato.

— Estás certo d'isso?

— Certissimo. E ouvi dizer tambem, que vai a bordo o velho Nick, esse maluco que Leandro salvou e que não falla senão em perolas das ilhas Salomão.

— Então foi elle quem forneceu a Leandro o dinheiro para a compra da goleta.

— E' possivel. Leandro deixou-o hoje só em casa.

Porque não tenta interrogal-o? Caduco como está, elle ja não sabe o que diz.

Pois vamos.

*

O velho Nick não estava caduco, estava doente delirava e nessa semi-inconsciencia tudo revelou a Korff, tudo, inclusive o segredo das perolas das ilhas Salomão.

Mas o miseravel não poude impedir a partida do *Moça Bonita*. Só lhe restava agora o recurso de se lançar em perseguição de Leandro e arrebatar-lhe pela força o que não pudera conseguir a força de astucia.

Alem da cubiça e do furor, que sente por ter sido burlado, Korff está com ciumes.

Elle está convencido de que, a despeito de seu apparente rompimento, Marianna continúa apaixonada por Leandro e, como se isso não fosse bastante, elle acaba de saber que Marianna navega, a essas horas, a bordo do *Moça Bonita*.

Agora, emquanto Korff trepidando de colera e despeito, apressa os preparativos para a partida, voltemos a bordo da goleta já em alto mar e onde Marianna acaba de ser surprehendida occulta no porão.

— Como entraste a bordo? Porque te occultaste aqui? pergunta Leandro, com ar muito irritado, quando Pancho lhe vem apresentar a "clandestina".

— Não pense que vim a sua procura — retorquiu a moça, ironicamente — Metti-me a bordo por que já não sabia o que fazer para fugir á perseguição de Korff. Queria partir de Tipali fosse lá para onde fosse e como o *Moça Bonita* era o unico navio que ia partir... Mas não se inquiete commigo. Desembarque-me em Macasar.

— Mas quem lhe disse que eu ia a Macasar.

— Ah!... capitão, desculpe; mas, ahi, a culpa é minha — explicou Pancho — Marianna veiu ao cáes indagar qual era o destino do *Moça Bonita* e eu, sem imaginar que ella tomasse a serio minha palavra, disse que Macasar seria o primeiro porto em que tocariamos.

Timidamente, Marianna approximou-se de sua mesa.

— Pois isso não é verdade — disse Leandro, cada vez mais aborrecido.

— Não faz mal — declarou Marianna, conciliante — Deixe-me no primeiro porto que abordar.

— Mas nós não vamos tocar em porto algum, creatura! — bradou afinal Leandro, impaciente — Vamos em uma expedição das mais arriscadas; vamos em busca de perolas nas ilhas Salomão, ilhas habitadas por selvagens anthropophagos... Emfim, mettemo-nos em uma aventura em que tanto podemos enriquecer de um momento para outro, como enlouquecer de uma vez. E agora, queira ou não queira, você tem que ir comnosco.

— Trabalhando — accrescentou Pancho — Ninguem pode ir a bordo sem trabalhar.

— Naturalmente, corroborou Leandro — Vamos, Pancho; arranja um camarim para esta senhorita.

*

Atravez do grosso crystal do capacete de seu escaphandro, Leandro Dupré abarca com o olhar o maior banco de ostras peroliferas que jámais se offereceu á cubiça humana. Deslumbrado pela riqueza portentosa que assim contempla, elle permanece immovel durante alguns minutos depois, com movimentos tardos e pesados que o assemelham a um monstro marinho, começa a fazer a preciosa colheita. E, á medida que se adianta nessa operação, uma especie de vertigem se apodera d'elle. Queria recolher todas as perolas ter o magico poder de levar comsigo todo aquelle thesouro magnifico.

As perolas, que já reuniu, na saccola pendurada a seu peito, são bastante para enriquecer dez homens, tal o seu tamanho e belleza, porem Leandro, desvairado, quer mais...

Só se detem quando sente que o ar começa a lhe faltar.

Pensa então em voltar á goleta; mas verifica, cheio de terror, que os tubos de ar do escaphandro não estão funccionando.

Porque? Que terá havido a bordo? Infelizmente não dispõe de tempo para reflectir sobre esse mysterio. Já quasi suffocado, Leandro não teve outro recurso senão procurar ar... onde podia encontral-o: — isso é — correndo para a praia, para a terra, para a ilha. Assim fez e apenas poz a cabeça fóra d'agua desvencilhou-se dos tubos, que nada lhe valiam, para poder caminhar livremente pela areia.

Não podia porem, assim sósinho como estava, despir o escaphandro; e á vista d'isso continuou a caminhar, embora difficil e pesadamente, afim de vêr se encontrava algum ente humano capaz de auxilial-o.

Avista afinal um grupo de choças primitivas, miseraveis... Cheio de esperança, procura apressar o passo mas não tarda a ter o mais cruel dos desenganos. Os habitantes d'aquellas choças são ferozes selvagens, papuas os mais crueis e estupidos de toda a Melanesia. Durante o mergulho de Leandro elles haviam atacado a goleta. A guarnição defendera-se e acabára por repellil-os; porem Sancho e Marianna tinham cahido em poder dos selvagens, que, agora, os tinham alli prisioneiros.

Petrificado pelo horror, Leandro encontrou-se immovel diante do aldeiamento papua. Mas alguns d'esses selvagens tendo-o visto sahiu do mar, imaginam que elle é um ente sobrenatural, um *deus do mar* e como tal o saudam, cheios de reverencia e superstitioso terror.

Aproveitando-se immediatamente d'essa circumstancia providencial, Leandro começa por salvar os prisioneiros.

D'ahi a pouco o aldeiamento é atacado por um grupo de homens.

E' Korff que chegou e desembarcou com sua equipagem disposto a se apoderar de Marianna morta ou viva.

A' vista de seu inimigo, Leandro não hesita. Despoja-se do escaphandro para ter os movimentos mais livres e dirige a defeza dos selvagens com tal denodo e intelligencia, que Korff e sua gente não tardam a ser derrotados.

Então, antes que os papuas voltem a si da surpreza e verifiquem que o supposto "*deus*" é um homem como os outros, Leandro, Pancho e Marianna recolhem-se a bordo do *Moça Bonita*, que parte sem mais tardar, levando-os juntamente com a mais formosa collecção de perolas.

A IMPERMEABILISADORA

Alfaya & Comp.

Impermeabiliza Seda, Velludo, Lã, Algodão e qualquer outro tecido, antes ou depois de ser confeccionados.

RUA DOS ARCOS 13 **Telephone 2 - 4384**

— RIO DE JANEIRO —

As fazendas por nós impermeabilizadas impedem a penetração da agua e da humidade, sem o menor prejuizo para a saúde porque conservam inteiramente a porosidade primitiva, permittindo o arejamento e a transpiração, podendo ser lavadas, dobradas, passadas a ferro, costuradas e sujeitas a qualquer temperatura quente ou fria sem perder a impermeabilização.

Não altera as côres nem prejudica os tecidos, sendo essa impermeabilização tão duravel como a fazenda.

Acha-se á venda o

ALMANACH

11º ANNO

1931

Expediente

Preço para todo o BRASIL
5.000 Rs

• Cia EDITORA AMERICANA •